

# Voices Mountain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XIX | #107 | mai/jun 2009

**11a**  
**Felipe Camargo**  
**versus**  
**A dor é o poder**

**Esportiva**  
**Fercal - DF**

**Montanhismo**  
**Andradas - MG**

**+ História**

**Manifesto da**  
**ESCALADA NATURAL**

  
**SNAKE**<sup>®</sup>  
r e a c h t h e t o p



SISTEMA DE IMPERMEABILIZAÇÃO  
QUE MANTÉM SEUS PÉS SECOS  
E PERMITE A SAÍDA DE SUOR E  
UMIDADE.



SISTEMA DE CONSTRUÇÃO INTERNA  
QUE CONTROLA SUPINAÇÃO E  
PRONAÇÃO, GARANTINDO ESTABILIDADE  
E CONFORTO EM CAMINHADAS.



SOLADO ROCCA.  
TRAÇÃO, ESTABILIDADE E SEGURANÇA  
EM QUALQUER TERRENO.



CONJUNTO DE TECNOLOGIAS  
QUE PROPICIAM  
MAIOR CONFORTO.

**LINHA PRO 2009**



**O "DNA" DA MONTANHA**

[www.snake.com.br](http://www.snake.com.br)

[www.snake.com.br](http://www.snake.com.br)

[www.snake.com.br](http://www.snake.com.br)

# Thermoskin®

Underwear Térmico

Linha masculina  
e feminina

## Sua segunda pele



- ✓ Toque macio e aveludado em contato com a pele;
- ✓ Mantém estável a temperatura do corpo;
- ✓ Alta absorção da umidade do corpo;
- ✓ Rápida evaporação da umidade;
- ✓ Costura plana.



Produzido no Brasil



CURTLO

## Internacional

LISETE FLOREZANO | SP

### ► Walter Bonatti recebe o Piolet d'Or

Walter Bonatti, talvez o maior escalador dos anos 50 e início dos 60, será honrado com o primeiro Piolet d'Or pelas conquistas realizadas ao longo da vida. A "golden ice axe" será dada a Bonatti em Coumayeur, Itália, aos pés do Mont Blanc, em 24 de abril, como parte dos cinco dias do festival Piolet d'Or.

O escalador italiano, de 78 anos, apareceu em cena em 1949 com a ascensão do Esporão Walker ainda na adolescência. Dois anos mais tarde ele fez a primeira ascensão do Grand Capucin, considerada na época a rota mais técnica da parte oeste dos Alpes. Em 1954, participou de maneira decisiva na conquista do K2, onde sobreviveu a um bivaque forçado a 8.107m. Em 1958, ele alcançou seu maior triunfo nas Grandes Cordilheiras com a primeira ascensão dos 7.932m do Gasherbrum IV no Paquistão, uma das montanhas mais difíceis do mundo. Nos Alpes, Bonatti completou solos e escaladas de inverno extraordinárias, incluindo a primeira ascensão em cinco dias de escalada solo do Drus (comparado ao pilar sudoeste do El Capitan), a primeira ascensão no inverno da face norte dos Grandes Jorasses, e uma nova rota aberta em solo na face norte do Matterhorn. Sua última grande escalada foi em 1965, quando ele se retirou das escaladas comprometidas com a idade de 35 anos e

passou a viajar e fotografar, entre outras atividades.

### ► Novas rotas no vale argentino Piritas

Dois equipes completaram novas rotas nas impressionantes torres de granito do Vale Piritas, região pouco explorada acima do rio Turbio, próximo da fronteira Argentina - Chile. Escaladores argentinos foram os primeiros a realizar escaladas técnicas no vale: Bicho Fiorenza e Pedro Luthi escalaram Pirita Central pelo seu corredor leste em fevereiro de 2006 e em 2007 Fiorenza voltou, com Morsa Degregori, para escalar os 548m do esporão norte do Pirita Esquerdo. Estes homens também marcaram todo o caminho duríssimo até o vale com estacas.

Este ano, os canadenses Paul McSorley, Andrew Querner e Will Stanhope viajaram até a Argentina e, com a ajuda de Fiorenza, a equipe completou a árdua aproximação ao Vale Piritas em fevereiro. Eles fizeram a primeira travessia das três torres, e Querner e Stanhope escalaram uma nova rota na face norte do Pirita Direito, *Todos los Caballos Lindos* (5.11 - 7A).

Sem saber destas escaladas, os americanos Dave Anderson, Josh Beckner e Jared Spaulding planejaram também uma viagem ao Vale Piritas. Os três cruzaram o Lago Puelo de barco e contrataram um *gaucho* para subir os 32km, com cavalos levando os equipamentos. No Vale, escolheram uma linha no Pirita



West side history, na Fisher Tower.

Direito, e abriram a via *Voces en La Noche* (V 5.11 A0 - 7A) em um dia e meio. Depois de 450m de "aproximação" que incluiu várias cordadas fáceis até uma rampa de neve, escalaram as fissuras do lado esquerdo da face até um bivaque, quatro cordadas abaixo do cume. Depois de chegar ao cume na manhã seguinte, desceram pelo lado sul em direção ao acampamento avançado. Ao todo, completaram 660m de escalada técnica, com um mínimo de pêndulos para quebrar a ascensão toda em livre. No campo base, a equipe encheu dois

barcos infláveis de pesca e desceram o rio Turbio até o lago Puelo, completando assim os 17 dias de aventura. Nada mal...

### ► Novos boulders para Rands e Johnson

Bishop é um dos lugares do mundo com maior concentração de boulders. São quase 2.000 problemas, muitos deles bastante altos. Ao resolver *Mandala* (V12), Lisa se tornou a primeira mulher a repetir esse boulder. Escalar esse clássico talvez tenha lhe servido para enfrentar com tranquilidade novos projetos de graus acima de V12, como recentemente a travessia de 25m de *Haroun and The Sea of Stories* (V12) e *Xavier's Roof* (V12), um dos maiores problemas do momento.

Alex, que segue uma trajetória bastante forte nos boulders, escala *A Maze of Death*, aberto por Dave Graham, como V12. Esta foi a segunda repetição feminina do problema (a primeira feita por Alex Puccio). A escaladora já tem em seu currículo outros boulders de respeito, como *Clear Blue Skies* e *The Mystery*, ambos V12, nas Buttermilks em Bishop.

### ► Rápida...

Cottontail, na Fisher Towers, em livre Jason Haas e Rob Pizem escalaram em livre todas as enfiadas da *West Side Story* nos 243m da torre Cottontail, na Fisher Towers, em Utah. Em artificial, esta rota recebe 5.9 C3, sendo a mais fácil da torre considerada a mais comprometida entre as quatro principais da Fisher Towers. A rota exigiu, para ser escalada em livre, três enfiadas de 5.12 (8 A) e... dois ossos quebrados!

www.trilha-serumos.com.br

## Camisa X-Pedition

Em algodão leve e ventilado, para caminhadas em locais de mata mais fechada, ou sob sol intenso, onde as mangas compridas oferecem maior proteção. Em locais abertos a manga pode ser dobrada e presa por uma tira interna que se prende a um botão. Ventilada nas axilas e reforçada na área de contato com a nuca. Os dois bolsos frontais são embutidos e protegidos por abas, para melhor proteção da abertura evitando também que os botões de fechamento sejam atritados pelas alças de mochilas ou na mata. O desenho da X-Pedition também tem boa apresentação e grande conforto para uso no dia-a-dia.

Reforçada na área da nuca

a manga pode ser dobrada e presa

mangas compridas oferecem maior proteção

Conheça também em nosso novo site:

- Vestuário
- Mochilas
- Sacos de dormir
- Acessórios

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis - RJ  
CEP 25954-195 - (21) 2742-9652 - Fax (21) 2742-5781  
sac@trilha-serumos.com.br - www.trilha-serumos.com.br

## POLARTEC®

### mais que um fleece

Conheça a nova coleção no site da SOLO®.

www.solobr.com

## SOLO

Vista sua liberdade

www.mountaininvoices.com.br

# Onde está o limite?

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

Quem acompanha o universo da escalada via internet, ou outros meios, constantemente é bombardeado por feitos e cadenas cada vez mais impressionantes, não só pelo grau de dificuldade alcançado e superado a cada via, boulder, ou qualquer que seja a modalidade, mas o que chama muito a atenção é a idade com que vias de altíssimo grau caem a cada dia nas mãos dos nossos "pequenos notáveis" da nova geração de escaladores. Baseado nestes fatos, com saber se o limite da escalada está próximo? Ou qual é o limite?A escalada pode ser considerada um esporte que segue engatinhando ainda, quando comparada a outros esportes, mas calma, isso é de certa forma positiva, considerando que, mundialmente a escalada pode vir a se tornar um esporte Olímpico e a muitos outros feitos e dificuldades além da nossa compreensão atual. Mas por onde anda o limite nacional? Temos registrado e comentado todas as realizações por brasileiros seja dentro do país ou fora dele, sabemos qual é o "recorde" a ser batido, mas a real pergunta está na seguinte questão: O quanto podemos evoluir ainda?

Considerando por exemplo que o máximo encadenado mundialmente em uma via esportiva é de 9b francês ou traduzindo, um 12b nacional, sendo que o máximo realizado por um brasileiro fica no 11 a, não é nada mal se formos considerar que, se a escalada é nova mundialmente, aqui ela está em fase de gestação, pois comparando a quantidade e qualidade de points, infra-estrutura, incentivo, patrocínio, cultura e por ai segue uma lista interminável de pontos que deixam a escalada nacional na retaguarda, mas há uma luz no fim da via, nossos guerreiros aos trancos e agarras, furos e marteladas, têm contribuído e muito para uma real revolução na escalada nacional, novos points sendo descobertos e equipados como nunca, vias sendo estendidas, projetos sendo abertos, e até encadenados, desde que "alguém" se proponha a prová-los, e é neste ponto que a escalada e os próprios escaladores em geral freiam a própria evolução, muitos têm reais chances de encadenar vias duríssimas mas deixam de pelo menos prová-la.

Como escalador e instrutor, sou totalmente a favor de primeiro se criar uma base sólida, com muitas vias mais fáceis e subir o "alicerce" de uma forma mais sólida possível para que mais a frente a falta de repertório ou técnica limite um escalador a alcançar seu objetivo tão almejado, mas percebo também, que muitos escaladores estendem demais esta "fundação", e onde se poderia nascer um monumento, a obra esgota com seus recursos para conclusão e fica estagnada por muito tempo, ou seja, dentro de aulas de personal de escalada, muitos escaladores realmente desconhecem seus limites por precaução, medo, vergonha ou pela filosofia válida até certo ponto de se criar tal "base sólida", deixam de elevar ou até mesmo conhecer seus "reais limites", já houve casos onde um escalador que tinha como máximo 7a, mas ao ser avaliado e direcionado a uma via de 7c, esta foi resolvida sem muitos problemas, prova de que um grande potencial estava guardado e pronto pra ser liberado, mas foi preciso uma visão externa para que o movimento inicial fosse dado.

Salvo muitos escaladores da nova geração, que tem uma motivação extrema por realizar linhas próximas do seu limite, a grande maioria ainda se resguarda por acharem não serem capazes de ultrapassar suas marcas, mas este é um pensamento que não move um braço sequer em direção ao seu objetivo.

Vejamos um automóvel 0km, ao ser retirado da fábrica, seus componentes e principalmente seu motor, saem com um limite de esforço mínimo exigido nos testes, dependendo do condutor, este automóvel vai conhecer em toda sua vida útil um limite de velocidade e exigência mínima, e a qual



o mesmo estará condicionado a rodar com aquele limite de velocidade, já outros podem elevar sua velocidade fazendo-o vibrar ao princípio mas em pouco tempo ou kms, este carro estará totalmente adaptado as novas exigências de seu condutor, mas há os que elevam a capacidade máxima de seu veículo, diminuindo sua vida útil pela metade ou até mesmo o deixando fora de circulação.

Não pretendo comparar nosso corpo com uma máquina, ou um veículo, pois somos preparados e adaptados de uma maneira muito mais complexa que um objeto (carro), porque além da parte motora (corpo) somos nossos próprios condutores tomando decisões de como podemos e devemos levar nosso "meio de transporte" até nossos objetivos.

No primeiro exemplo, podemos seguir escalando dentro de um parâmetro mínimo, a escalada levada como meio de lazer, *for fun*, sem forçar a barra e aproveitando o momento ou a via, assim como um motorista preza por apreciar a paisagem ou a estrada ao longo do seu percurso sem forçar a mente nem ou motor em questão. Para este, a vida útil do seu veículo/corpo será mais longa, mas é fato que deixará de conhecer seu real limite ou experimentar sensações indescritíveis.

No segundo caso, temos os desbravadores de plantão, aqueles que definitivamente querem conhecer seus limites e o farão tomando as devidas providências para não se lesionar, mas que devido ao uso forçado pode-se ter que fazer algum tipo de reparo, pois conhecer seus limites sempre acarreta em conhecer algo mais do que somente experimentar encadenar algo além do seu grau anterior, um ou outro efeito colateral pode surgir nessa nova adaptação do seu corpo, mas estes escaladores, ao experimentarem de tal evolução podem se tornar "viciados" na quebra de seus limites, e é aí que se deve ter consciência para estar sempre evoluindo sem passar mais tempo na manutenção do que na estrada.

O terceiro grupo é dos que levam seus meios ao limite desde seu primeiro contato, a constante busca pela superação ou quebra de limites pode ter seu sabor momentâneo, mas em via de regra, estes casos acabam, ou por adquirir uma lesão grave, que o retira do cenário em pouco tempo ou ao chegar ao seu limite tão rápido, perde-se muito da motivação e a busca pela superação pode levar a outros extremos.

Em qualquer dos casos, podemos considerar sempre o mais eficiente é aquele que a sua maneira, sempre busca um "algo a mais", pois isso faz parte da natureza humana, a constante e impaciente evolução que nos move instintivamente. Tentar se superar pode trazer inúmeros benefícios além do bem estar do momento da cadeia, gera no escalador uma capacidade de buscar novos desafios até então somente sonhados e admirados em seus ícones de plantão. Pois pense, seu ícone começou escalando 10º logo no primeiro ano no esporte?

Um exemplo que reflete bem sobre este tema é quando recebemos algum "gringo" dentro do nosso circuito, por várias vezes pude observar que o mesmo, não possuía uma composição física muito adequado para os padrões da escalada de alta dificuldade, mas sempre fui surpreendido pela coragem, motivação e principalmente iniciativa em tentar as linhas mais duras do local, e como sempre, estas eram encadenadas antes ou somente pelo "gringo" do que dos escaladores locais. Com isso fica claro uma questão muito importante, o parâmetro de quem vem de fora é altíssimo, ou seja, a via está lá, montada ou equipada, é graduada além de sua capacidade, para o gringo é um desafio e motivante, para o local é algo que passa longe de seus objetivos claros, ainda que internamente o local tenha muita vontade de mandar a tal linha, mas fica ali, se mantendo dentro dos "seus limites" e deixa de se superar pelos motivos citados acima. Perdi a conta de quantas vezes incentivei a vários escaladores a provar algo mais difícil, mas que deixaram de evoluir por mero orgulho em cair e ficar tentando e tentando uma mesma via até que a mesma fosse encadenada.

Uma boa medida para saber se uma via está ao seu alcance ou se trata de algo além de sua capacidade, é primeiro dar a cara a tapa e tentar tal linha, se, mesmo que esta seja realizada de costura em costura, parando e descansando, provando e aprimorando os movimentos, mas ao final você tenha realizado todos os movimentos logo na primeira entrada da via, é um sinal de que esta linha ou grau, definitivamente não é o seu grau limite, por grau limite, entende-se aquela via onde por um ou mais movimentos não se possa realizar ao longo de muitas tentativas ou dias de trabalho, essa sim é uma via onde o escalador necessita dar seu 120%, trabalho específico, treinos e muitas tentativas para um dia vencer a via, caso contrário, uma via com as características da primeira situação, está a ponto de sua capacidade trazendo ela um degrau a mais em sua busca pela evolução.

Portanto, ao meu exemplo, e de tantos outros, e principalmente do Felipinho, nosso garoto que põe as "mãos a tapa" e não tem medo ou vergonha em ficar pendurado na corda, para resolver tais problemas, esta é a melhor forma para elevar seu nível, ainda que pareça impossível, só o fato de você se propor a tentar já é muitos passos à frente de quem somente sente vontade ou sonha em um dia mandar tal via.

Por isso meu conselho é: Se há um ser humano escalador de 16 anos de idade (Adam Ondra) mandando vias no limite da escalada mundial, onde nós brasileiros podemos chegar? Tenho certeza absoluta que muito além do que cremos ser nosso limite atual.

**André "Belê" Berezoski** é escalador apoiado por Conquista Equipamentos, Casa de Pedra, e Endorphine óculos esportivos.

## info FEMERJ

22a. ATM - Programada para 26 de abril a Abertura da Temporada de Montanhismo 2009

ASSESSORIA DE IMPRENSA FEMERJ

AAbertura de Temporada de Montanhismo (ATM) deste ano acontecerá no dia 26 de abril (domingo), das 9h às 18h, na Praça General Tibúrcio, na Urca, que é um ponto de encontro de montanhistas durante o ano inteiro. Foi neste lugar que surgiu a ideia de se fazer um encontro de montanhistas para comemorar a época ideal para subir as montanhas, que é quando as temperaturas estão mais amenas e o tempo mais seco. A organização do evento é da Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) e contará com stands de todos os clubes filiados à Federação, e também do Centro Excursionista Mineiro (CEM). Algumas marcas de equipamentos de montanha estarão presentes, mostrando seus produtos.

Esta é a 22ª edição da ATM no Rio de Janeiro. A ideia de organizar a primeira Abertura de Temporada de Montanhismo surgiu em uma brincadeira entre montanhistas do Centro Excursionista Guanabara (CEG). Esse grupo era formado por Dalton Chiarelli, Juratan Câmara, Denise Macedo, Carlos Trindade, entre outros. "Em março de 1986, o Corpo de Guias marcou uma excursão oficial no Babilônia e logo depois de escalarmos, já lá embaixo na pracinha, demos aquela tradicional olhada para esta parede. O sol estava com um brilho muito particular neste final de tarde. Várias cordadas estavam escalando, dando um colorido todo especial naquele momento, quando alguém falou: 'Nossa, parece até uma verdadeira Abertura de Temporada'. Em seguida, uma outra pessoa completou: 'Isto merece uma festa. Vamos pensar nisso para o ano que vem'. E assim, foi lançado inconscien-

temente por nós ali, naquele momento, o embrião da primeira ATM", conta Chiarelli.

No boletim do CEG, de abril de 1987, consta o registro de mais um pedaço desta história. Com o título "1 Abertura Oficial de Temporada de Escaladas", o texto tem a seguinte introdução: "O Centro Excursionista Guanabara promoveu no dia 22.03 p.p. no Morro da Babilônia – Urca, a 1 Abertura oficial de temporada de escaladas. Do Paredão Entropia ao Soleil contamos com a participação de escaladores de vários Clubes, inclusive o COM – Paraná. O evento foi de grande importância para o nosso esporte que vem crescendo de maneira significativa". Uma das atividades ocorridas neste dia foi protagonizada por três grandes escaladores: com o apoio da Cia. Caminho Aéreo do Pão de Açúcar, Sérgio Tartari, Sérgio Poyares e Giuseppe Pellegrini, demonstraram "descidas livres do bondinho de carga estacionado no centro do cabo que liga o terminal ao Morro da Urca".

Há três anos, a organização da ATM está com a FEMERJ. Até então, era uma empresa de dois montanhistas do CEB, Zozimar e Jorge Rocha, que cuidava da realização do evento. "Peguei o projeto e dei uma remodelada. Desde 2007, quando comecei a coordenar a Abertura de Temporada, início os trabalhos no mês de janeiro, com a divulgação do concurso para escolher o logo do evento e a solicitação aos clubes dos nomes dos respectivos representantes para participarem das reuniões", explica Waldecy Mathias Lucena, vice-presidente da FEMERJ.

AATM deste ano contará com 26 stands. Além dos clubes e das empresas, estarão presentes a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAC), o Instituto Estadual do Ambiente (INEA) e o Ins-

tituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio/MMA). Haverá sorteio de brindes doados pelas empresas. Para participar, é necessário doar um quilo de alimento não perecível, que será recolhido pela Federação de Bandeirantes do Brasil.

"Neste ano teremos um concurso de fotografias, tendo o montanhismo como tema, e um torneio de slack line. Cada vencedor ganhará uma mochila de ataque", anuncia Waldecy. E como nos dois últimos anos, a música estará a cargo de Alexandre Véio, do Clube Excursionista Light. A festa da Abertura de Temporada de Montanhismo, também é um dia de encontros, de estreitar amizades ou de fazer novas. "Nas décadas de 60/70, havia uma disputa de forma saudável entre o CERJ e o CEC, onde 'brigávamos' por conquistas e primeiras repetições de vias. Por esta razão, pouco se escalava entre estes grupos e quando nos víamos na montanha, era apenas um 'olá' e íamos em frente, cada um com o seu objetivo. Passados mais de trinta anos, na ATM de 2006, encontrei o Jean Pierre (von der Weid, do Carioca) e começamos a conversar. Mencionei que nunca tinha pisado no Capacet e ele prontamente me convidou para escalarmos a via CERJ. Mal sabia eu, que naquele momento, estava surgindo uma grande amizade", celebra Carlos Alberto Carrozzino (o Carrô), do CERJ.

"A ATM é uma festa que, desde sempre, é o lugar para encontrar pessoas. Um local de congregação do esporte. É uma festa tão legal que é de lei ir para a Urca e fazer questão de não escalar. Ficar só curtindo o sol (ou em alguns casos a chuva) e o papo com a galera. Muito bom", vibra Rosângela Gelly.

## 9ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha

Estão abertas as inscrições para a Mostra Competitiva da 9ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha, que ocorrerá de 27 a 31 de outubro na capital carioca.

Podem participar da mostra competitiva curtas e médias-metragens de filmes de natureza, esportes e cultura de montanha, em qualquer formato.

A escolha dos vencedores é realizada por um júri formado por esportistas, fotógrafos e diretores previamente selecionados pela organização do festival. Além do troféu Corcovado, serão fornecidos prêmios de nossos parceiros. Evento de especial interesse para o público, produtores, fotógrafos e artistas que pensam o cinema como diversão e arte.

A mostra de filmes de montanha é o mais importante festival do segmento no Brasil. Além de exibir filmes atuais e antigos, nacionais e estrangeiros, traz exposição fotográfica, lançamento de livros, exposição de quadros e uma oficina de cinema voltada a produção cinematográfica.

As inscrições ficarão abertas até o dia 31 de julho. Participe!

O regulamento e a ficha de inscrição podem ser acessados pelo site oficial: [www.filmesdemontanha.com.br](http://www.filmesdemontanha.com.br)

www.halfdome.com.br

Venha se equipar na HalfDome - As melhores marcas ao seu alcance

Al. dos Nhambiquaras, 946  
São Paulo - Moema  
Tel.: 11 5052-8082

Em lugares como este qualidade é fundamental!

FERRINO

Ferrino no Brasil,  
agora disponível nas melhores lojas...

www.m-arnaud.com.br

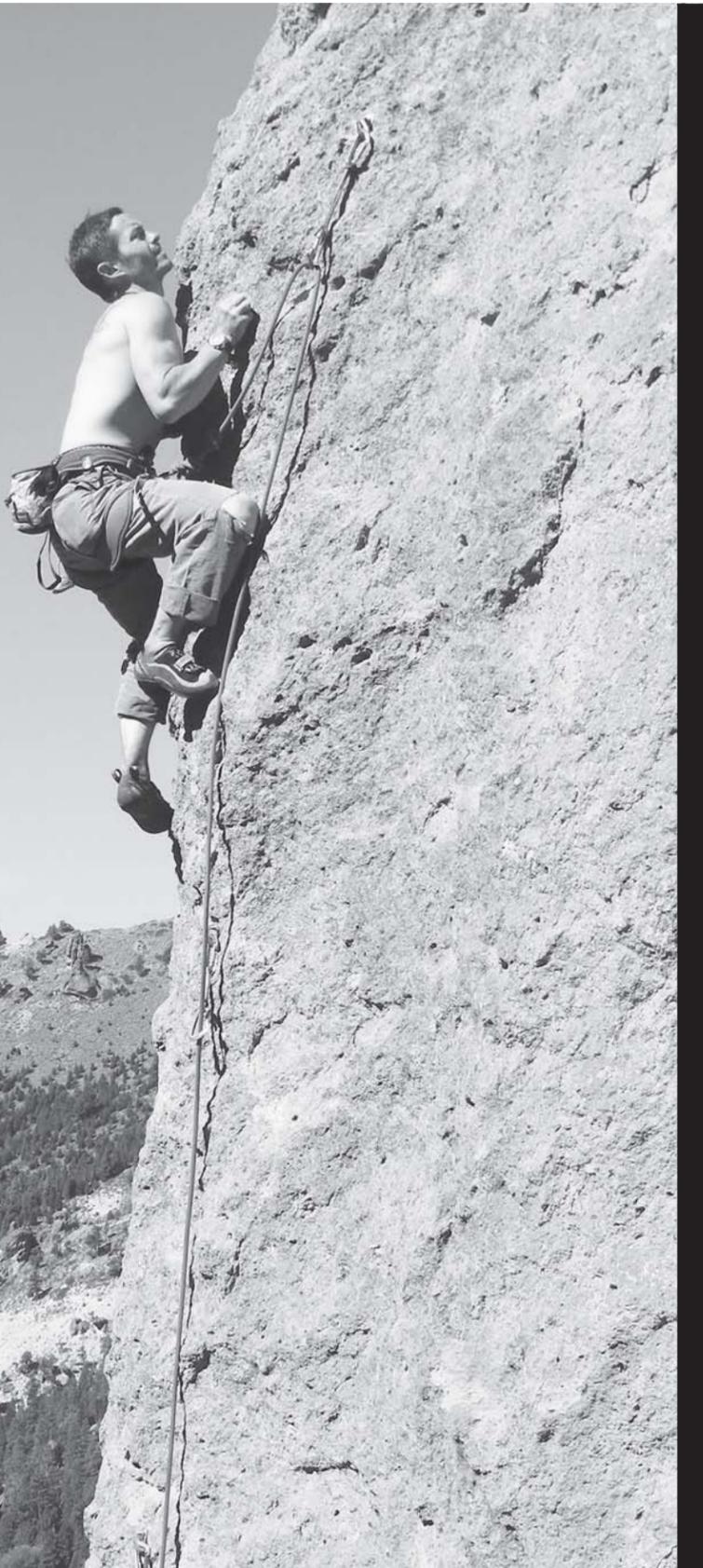
M. Arnaud & Cia. Ltda.  
Soluções em Atividades Verticais

# El Valle Encantado

Texto: Luciano Fernandes, SP

Para quem um dia quer ter a oportunidade de escalar em local de alto nível a um preço muito acessível, com diversão garantida, recomendo o Valle Encantado, próximo a Bariloche (Argentina) - local este considerado o melhor pico de escalada esportiva da América do Sul.

A primeira vez que escutei falar do Valle Encantado foi em uma conversa descontraída na face sul do Bauzinho, em São Bento do Sapucaí. No dia, algumas pessoas que estava conversando tinham acabado de chegar de lá e teciam somente elogios superlativos ao local. Os elogios eram tantos, e alguns soavam tão exagerados, que ficou difícil acreditar em tudo que me disseram. Na minha concepção da época era difícil conhecer um local de escalada tão bom quanto o descrito. Pelo que diziam, parecia que todos tinham voltado do paraíso.



Após fazer uma pesquisa pela internet e conversando com outras pessoas que já tinham ido visitar, a conclusão foi de que as descrições estavam até certo ponto comedidas. Somente por fotos, tanto em sites na internet quanto de pessoas que visitaram o Valle Encantado, as imagens eram impressionantes. O que pude constatar através das imagens é que aquele era um dos locais mais bonitos e exuberantes que eu já tinha visto.

Desde então fiz o planejamento necessário para a viagem. Alguns amigos abraçaram a ideia de ir para o Valle porém, por terem mais tempo e por questão de economia, resolveram ir de ônibus até Buenos Aires, onde nos encontraríamos. Eu, por possuir pouco tempo, decidi ir de avião até a capital argentina. A passagem de ônibus de São Paulo até Buenos Aires custou cerca de R\$ 180 e o percurso é de aproximadamente 36 horas. Todos que fizeram a viagem de ônibus disseram que vale a pena. A relação custo benefício é enorme.

Nos meus gastos até a capital argentina, desembolsei cerca de R\$ 580 pela passagem de avião (ida e volta) com percurso aéreo de 2 horas. Para ir para Bariloche direto de avião, a passagem custa quase o dobro do preço que se pagaria caso o destino fosse Buenos Aires. Pessoalmente, acho que minha escolha compensou muito, pois pude economizar uns dias já escalando, em vez de ficar viajando. Chegando ao aeroporto, é recomendado procurar a loja do "Sierra Tenda León", que oferece um ônibus fretado que vai direto para a rodoviária de Buenos Aires (localizada no bairro Retiro). O ônibus custa cerca de 30 pesos argentinos (em 25 de março, um real valia 0.611 pesos argentinos). A distância de onde o ônibus pára até a rodoviária é de uns 200 metros.

Na rodoviária de Buenos Aires pude encontrar o companheiro Lucas Albuquerque que tinha saído do Brasil dois dias antes, de ônibus, e chegara no mesmo dia. Pudemos nos saudar e procurar um meio de ir para Bariloche. O preço da passagem é de 200 pesos argentinos e a duração da viagem é de aproximadamente 20 horas. Houve muito tempo para planejarmos o que fazer e o que escalar por lá. Perto da rodoviária de Buenos Aires há um grande supermercado, onde se pode comprar comida e provisões tanto para a viagem e quanto para os primeiros dias de camping no Valle Encantado. Para fazer o câmbio de Real por Pesos, optei por usar meu cartão de débito do banco ao invés de trocar o dinheiro diretamente. Em todos os bancos com a bandeira LINK ou nas agências do "Banco de La Nación Argentina" pode-se sacar a moeda local diretamente. Verifique o limite de saque. Estranhei o fato de não haver nenhuma caixa eletrônico na rodoviária de Buenos Aires nem na de Bariloche. Todo o dinheiro que usei foi o que saquei no aeroporto mesmo.

Após uma rápida conversa com o motorista do ônibus, avisamos que iríamos ficar em "Confluencia Trafal", onde há um posto de gasolina filiado ao Automóvel Club. É muito importante avisar ao motorista desta parada, pois não há obrigação de o ônibus parar lá. Caso o motorista pergunte o porquê de querer parar neste posto (o posto é no meio do nada), diga que está indo visitar e aproveitar o Valle Encantado. Partindo do posto, é necessário caminhar por dois quilômetros até uma espécie de praiazinha de onde se pode cruzar o Rio Limay. Esse rio tem cerca de 80 metros de largura e uma correnteza relativamente forte. Por mais tentador que possa parecer, a ideia de se fazer uma tirolesa é muito ruim (isso para não dizer "inviável"). Provavelmente somente o personagem de TV **Mr. Bean** teria uma ideia assim. **É muito importante possuir um bote para cruzar o rio, e isso você pode (e deve) providenciar aqui mesmo, no Brasil. As lojas que vendem produtos para náutica e pesca possuem o produto a um preço muito amigável.**

Não tente imaginar outro meio de cruzar o rio, na base do improviso. Ideias como usar um colchão inflável ou câmara de ar de pneus de caminhões podem parecer ótimas na teoria, mas são arriscadas e ineficientes. Durante a estadia, houve pessoas que tentaram improvisar a travessia com um colchão inflável e, por sorte, não perderam todo o equipamento (de escalada e de camping). O colchão virou devido à instabilidade e o equipamento de escalada afundou – felizmente, em uma parte "rasa", com três metros de profundidade. Digo,

de antemão, que não é divertido ajudar a tirar uma mochila de 20 kg de uma profundidade dessas, principalmente quando se trata de um rio cujas águas têm temperatura variando de 5° a 10°C.

Tendo atravessado o rio do jeito certo e chegando à outra margem, pode-se armar a barraca em qualquer lugar. O camping é selvagem e há como regra não fazer fogueiras e manear no barulho. Não vi, em dia nenhum, tais regras sendo quebradas. Em se tratando de escaladas, não há um guia oficial do local, mas há um croqui feito à mão com uma lista de todas as vias e a localização. Recomendo fortemente que se tente socializar com todos do camping – afinal, fica-se praticamente isolado da civilização convivendo com esses companheiros.

O tempo de dezembro a março colabora muito com o escalador. Dos 40 dias que escalei por lá, choveu apenas um e, mesmo assim, em vários lugares era possível escalar. Por estar no "horário patagônico", a diferença de fuso horário de lá para o Brasil era de uma hora. Durante o verão, amanhece por volta das 6h30 da manhã e anoitece por volta das 21h40. Com isso, há a oportunidade de se escalar, durante o "dia", uma quantidade de vias muito acima do normal. Diferentemente do Brasil, o escalador argentino acorda um pouco mais tarde do que estamos acostumados e vai para a escalada por volta das 13h. Todos argentinos do camping jantavam por volta das 23h. O horário é diferente, mas deve-se respeitar e se acostumar a isso, pois, o que para nós é tão estranho, faz parte da cultura deles. Quando o sol ia embora, o tempo esfriava assustadoramente. Durante o dia, a temperatura variava, em média, de 26° a 30° C. À noite houve registros de 5° C. O recomendável mesmo é levar casacos eficientes e um bom saco de dormir. Lembrar-se de tomar vinho regularmente, pelo menos por lá, também ajuda. Até mesmo o hábito de tomar banho deve ser planejado, pois a temperatura da água é impressionantemente fria, em torno de 8° a 10°C – o que torna o banho noturno proibitivo.

Toda a famosa animosidade entre argentinos e brasileiros fica restrita ao futebol. Os argentinos não têm nada contra o Brasil e seu povo. São extremamente educados e solícitos a todas as dúvidas e informações. Após certo tempo, já havia jantares programados com todos os locais que estavam no camping. Para uma viagem assim, é desnecessário dizer que ter equipamento de camping completo (fogareiro, barraca, saco de dormir, prato, garfo, copo, etc.) é obrigatório. Caso resolva ir para o Valle Encantado despreparado para camping e esperando água quente em chuveiro, ou pensando na balada, escolheu o local errado. Neste ponto é que o local tem uma certa magia. Lugar de beleza singular e única, onde se dorme protegido do vento e da chuva em uma floresta de pinheiros, onde não há nenhum sinal de civilização. Até mesmo o celular se recusa a funcionar. O ambiente é um verdadeiro internato de escalada: desde a hora em que se levanta, até ir dormir, pensa-se e planeja-se escalada

## Rocha

O trajeto de acesso às vias de escalada é plano e muito curto. Cerca de 500 metros de caminhada em trilha bem aberta e plana, e já se chega a qualquer um dos setores de escalada. A base da maioria das vias é plana, o que nos dá a possibilidade de aproveitar todo o dia malhando qualquer via, de qualquer graduação. Em todo Valle Encantado há cerca de 350 vias, divididas entre 200 de um lado e 150 do outro lado do rio. Diversão é o que não falta.

O tipo da rocha é vulcânico. Sua textura é bem abrasiva, porém, o estilo das agarras e buracos lembra muito o calcário. Já os estilos das vias são bem variados – tem de tudo. Vias longas e de resistência, vias curtas e de explosão como um boulder, muitas vias de buracos, e raramente usam-se regletes - como no granito, por exemplo. Todas as vias encontradas lá são chapeletadas e não há nenhuma exposta o suficiente para comprometer a integridade física do escalador em caso de queda. Apenas em projetos, que são as vias não encadenadas e não finalizadas, pode haver exposição maior que o habitual.

O recomendando por muitos que já escalaram por

lá é tirar, pelo menos, 3 ou 4 dias para escalada bem abaixo do seu grau – o objetivo é se acostumar com a rocha e com os estilos das agarras. Pode parecer conselho de quem está evitando entrar em algo forte, mas é a mais pura verdade. Usa-se bidedos invertidos, pegas abertas em buracos abaulados e uma técnica de pés que é ligeiramente diferente do que se está acostumado nas vias brasileiras. Pela variedade de opções existentes por lá, é recomendado tentar cada vez mais as cadenas à vista e, na primeira semana, procurar sempre ir a setores e vias novos. Quando se acostumar aos estilos das vias, a possibilidade de evoluir o grau e o divertimento de malhar uma via são garantidos.

É muito importante também planejar um dia para se descansar e respeitar o seu corpo. A quantidade de vias de resistência é muito grande e seu corpo vai precisar de um dia de descanso. Como a água do rio é 100% potável e repleta de peixes, é recomendável tentar uma pescaria nesses dias sem pedra. Muitas das pessoas que ficam por lá se dão o luxo de pescar durante o tempo de descanso. Todos os argentinos que estavam por lá e que se destacam na escalada local aproveitavam para dar um tempo de um ou dois dias seguidos, garantindo o sucesso dos projetos quando voltavam à pedra.

## Setores

**O setor mais popular de escalada para quem está querendo algo mais desafiador é o Puño. Lá se encontra a via mais difícil até o momento: "Directa Challenger", um 11a/10c de, aproximadamente, 30 metros em negativo. Nomes como "Piraña" (9c) e "Ona" (10a/b) fazem a alegria de quem planeja uma cadena em uma via que é certeza de uma foto bonita. Ainda o setor Puño contém uma das vias mais disputadas e populares do Valle Encantado: a famosa "Carpe Diem", um 8a de 35 metros, de grande resistência e completa diversão.**

**Próximo ao Puño, há vias que são igualmente maravilhosas e que oferecem uma ótima distração para quem não tem tanta força. Muitas vias de 4º, 5º e 6º graus com 25 a 30 metros de altura - todas estas em um visual que é o cartão postal do Valle Encantado, um lugar exuberante. É importante lembrar que todas as vias estão na graduação francesa. Levar uma tabelinha de conversão para ficar guardada na carteira é uma dica preciosa.**

**No setor Pan Dulce, as vias não são tão longas, mas pedem mais mais técnica e exigem muito mais do escalador do que força bruta. Nele, há a via que foi uma das primeiras do Valle, com poucas chapeletas (seis, no total), mas um verdadeiro desafio. No setor El Lero há vias em um negativo de 45 graus muito bem protegidas e relativamente curtas – é o local certo para escalada nos raros dias de chuva. No setor Pulenta encontram-se as vias mais disputadas por quem deseja entrar em graus elevados e bem técnicos. A própria "Pulanta" (8a/b) e a "Superpibe" (8b) têm uma saída em uma aresta que intimida muitas pessoas que acabaram de chegar no Valle.**

**Um dos únicos setores que não têm a base plana está uma das vias mais interessantes do local: a "Diaz Chacon" (8a), que é a atração deste setor.**

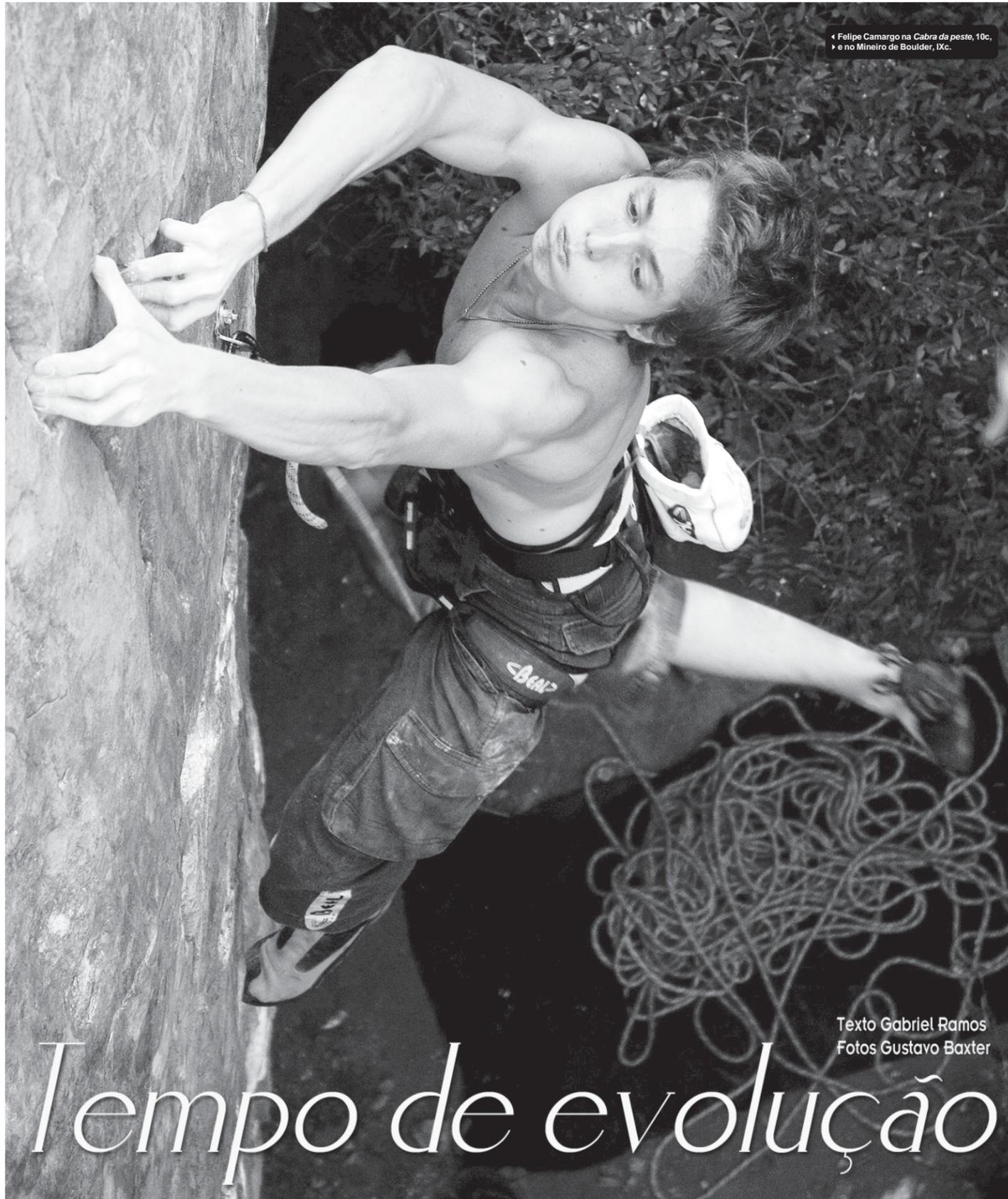
Como se pode ver, tudo é escalada em uma viagem ao Valle Encantado. Como o local fica próximo a Bariloche, há escaladas também perto da cidade – o que faz com que a busca por escalada em locais próximos seja um ótimo programa. Vale lembrar que é necessário agendar uma ida à cidade, pois somente em Bariloche pode-se ir ao supermercado providenciar o que for necessário para prolongar sua estadia no Valle. Todas as compras de supermercados podem ser feitas no Carrefour. Dentre os estabelecimentos desse tipo utilizados na cidade, é o que tem o melhor preço e maior quantidade de produtos. Há somente um ônibus que tem parada no posto de Confluencia ao destino a Bariloche, que circula diariamente às 11h. Não há outro ônibus, e é claro que não foi difícil ver pessoas perdendo uma ida à cidade por escutarem gente que não sabia o horário correto do transporte. O preço da viagem é 12 pesos argentinos.

Caso haja a necessidade de se ficar um dia em Bariloche, procure pelos albergues (Hostel). Os três albergues utilizados pelo grupo de brasileiros do qual fiz parte foram: "Tango Inn", "Fun Hostel" e "Hostel Internacional". Todos têm estadia com preços em torno de 35 a 45 pesos argentinos. Em todos aconteceram festas e uma enorme integração com as pessoas hospedadas por lá. Para quem queria uma balada com mochileiros, foi a medida certa. A estadia em todos muito divertida, sem contar a possibilidade de se poder tomar banho quente e acessar a internet por um dia. Para voltar de Bariloche ao Valle Encantado há dois ônibus, sendo que um sai às 9h e outro às 14h. Se as compras de mercado estiverem muito pesadas, um táxi de Bariloche ao Valle Encantado sai por 150 pesos argentinos.

Ainda em Bariloche, não deixe de tomar um sorvete da "La Jauja"(um dos melhores sorvetes do mundo - 12 pesos argentinos), comer o hambúrguer feito na praça e em frente ao clube andino (12 pesos argentinos), comer uma refeição no "La esquina", que tem somente garçonetes bonitas (28 pesos argentinos), comer no "Boliche del Alberto", que possui o famoso bife de chorizo (38 pesos argentinos) ou cordeiro patagônico (32 pesos argentinos), e as empanadas em "Casita de Mani" (15 pesos argentinos).

Para o retorno ao Brasil, aconselho que deixe o camping um dia com destino a Bariloche, descanse (e se banhe) em um albergue ("Tango Inn" é o mais próximo da rodoviária), para então enfrentar mais 22 horas de ônibus até Buenos Aires. O preço da passagem é de 250 pesos argentinos, com lanche e jantar inclusos.

Caso ainda reste alguma dúvida a respeito do Valle Encantado, pergunte a quem já foi e procure saber se há planos para voltar. Arrisco dizer que 100% das respostas é de que a volta é garantida ou, pelo menos, desejada. Somente quem vive o local e escala por lá, entende por que o Valle é considerado o melhor lugar de escalada da América do Sul.



◀ Felipe Camargo na *Cabra da peste*, 10c, e no Mineiro de Boulder, IXc.

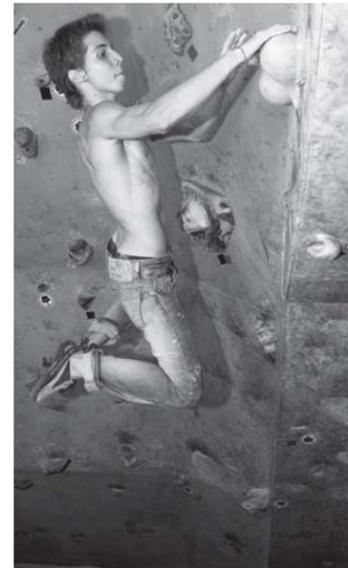
Texto Gabriel Ramos  
Fotos Gustavo Baxter

# Tempo de evolução

Conforme a definição da biologia, "evolução é o processo pelo qual populações de organismos adquirem e transmitem características novas de geração para geração".

O sentimento que se tem é que a escalada esportiva passa por um alvoroço geral no Brasil. É um momento intenso de troca de informações, técnicas e comportamentos que fomenta um novo cenário, mais dinâmico e promissor. O ano de 2009 promete ser marcante! Eleito o melhor das Américas no ranking da Copa do Mundo de 2008, o escalador prodígio Felipe Camargo - Pikuira - inicia o ano fazendo a primeira ascensão da via que pode ser a via esportiva mais difícil do Brasil. De passagem por Minas Gerais, em sua preparação para mais uma temporada de competições nos circuitos europeu e mundial, Felipe aproveitou a chance para experimentar os projetos mais extremos, equipados recentemente na região.

Através do relato abaixo e das imagens de Gustavo Baxter, a equipe Dedos Fritos ilustrará como Minas se apresenta como um dos centros desse processo evolutivo.



**1º ato**  
**Campeonato Mineiro – 1ª etapa boulder**  
Curtindo o carnaval em Ubatuba e "flashando" V9s com extrema facilidade na companhia dos nossos conterrâneos Haddad, Gustavo, Pedro Leite e Cia., Pikuira foi convidado para *route setter* da 1ª etapa do campeonato mineiro de escalada esportiva.

Os encontros informais, festivais e campeonatos estaduais estão com tudo em Minas Gerais. Um momento marcante a ser lembrado foi o Oroboulder 2007, que contou com a presença do escalador espanhol Dani Andrada, além dos melhores escaladores do Brasil e de uma grande massa de entusiastas! A energia continua no ar pelas bandas de Minas e outros diversos eventos vêm acontecendo: a série de festivais na Pedra Rachada, o Boulder Action de Itabira, os Fest Tortons, os Festivais de escalada infanto-juvenis e obviamente, o Campeonato Mineiro, que volta com força total. Em 2008 foram quatro etapas e em 2009, serão outras seis. A Dedos Fritos esteve presente na 1ª etapa perseguindo seu objetivo de registrar a evolução da atividade no estado de Minas. Desta vez, o momento contou com uma pitada especial, ou melhor, com a participação do Felipe, que soube muito bem projetar as linhas da disputa final da elite masculina.

Não podemos deixar de destacar e enaltecer a presença massiva dos praticantes e simpatizan-

tes, enfim, da grande comunidade escaladora. Esta sim é a diferença deste renovado campeonato Mineiro: todos querem participar! Estes eventos têm a função de reunir, ao mesmo tempo, diferentes gerações, garantindo a evolução e perpetuação da espécie *Homo escaladoris*. O seguinte episódio ilustra bem o cenário. Felipe fazia a demonstração das linhas para o público. Um menino de 10 anos, competidor da categoria infantil, impressionado com o escalador literalmente voando de uma agarrar a outra, se direcionou para o meu parceiro Gustavo Baxter e pergunta:

- "Moço, quantos anos ele tem?"  
Gustavo responde que ele tem 17 anos e que também começou a escalar com 10. Entusiasmado, o garoto voltou a atacar freneticamente seu boulder.

**2º ato**  
**A dor é o poder...**

É uma via que faz parte da nova geração de linhas equipadas recentemente em Minas. Para o deleite de todos, vivemos no frenesi de conquistas, sob a influência das novas tendências que buscam falésias com porções bastante negativas, longas, com passadas fortes e movimentos de boulder... Formam-se parcerias seriamente engajadas em abrir novos setores e difundir a prática da escalada. Quanto aos bravos conquistadores, podemos citar figuras ilustíssimas como Alexandre Fei, Felipe Belisário e Bruno Berbari, entre outros que se preocupam também em fomentar uma consciência de manutenção de vias e de conservação ambiental. Sete Lagoas foi o palco escolhido para Felipe experimentar novos projetos como "*A dor é o poder*", "*Menina Veneno*", "*Frequência Produtiva*", etc. Aliás, este é um dos picos que vêm sendo renovados, carregados de novas idéias e com textura de revolução. Sob os incentivos do "Prefeito" Berbari, este pedaço de calcário voltou a fazer parte do itinerário dos escaladores da capital. Até mesmo *night climblings* foram organizados, tamanha a euforia com o setor 45. Na sexta-feira (06/03) embarcamos numa jornada que seria o prelúdio de um momento marcante para a história da escalada esportiva mineira e brasileira. Conhecemos pessoalmente o Felipe e, no caminho da BR-040, já fomos conversando sobre as possibilidades de escalada, de captura de imagens e nos familiarizando uns com os outros. Chegamos logo apresentando o novo playground. Depois de uma caminhada, ficou decidido que o projeto da vez seria "*A dor(...)*". Montamos nosso aparato para a seção fotográfica enquanto Felipe fazia, tranquilo, seu aquecimento no 9b "*Brown com cachaca*". De cara, ficamos todos impressionados com o estilo de escalada, muito sólido e forte do "Pequeno"! Diferente de tudo o que estamos acostumados a ver. Deu pra sentir um pouco o que representou sua temporada escalando, treinando e competindo com os melhores da Europa.

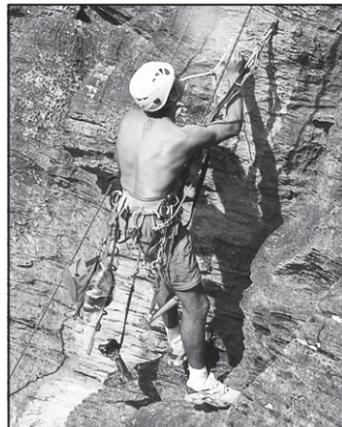
Após um refresco, era chegada a hora. Certa ansiedade pairava no ar, enquanto podíamos escutar seus dedos esmagando os regletes minúsculos do boulder da saída. A via, bem esportiva, mantém a mesma inclinação por toda sua extensão de aproximadamente 20 metros. No menu: regletes minúsculos e abaulados, pés miseráveis e movimentos bastante alongados. Felipe deu o primeiro pega para colocar as costuras e conhecer as agarras. Mais uma vez, ficamos admirados com a facilidade com que ele resolvia os problemas da via. Não estávamos preparados para ver um projeto daqueles ser dobrado com tamanho domínio!

No segundo pega, uma ascensão com apenas duas quedas, bem aproveitada para "limpar" os movimentos da saída e do crux da segunda parte. Voltamos para a casa com a sensação de que, na próxima visita, ia ter cadena! No Domingo (08/03) a equipe Dedos Fritos chegou antecipadamente em Sete Lagoas e se arranjou para a captura das imagens. Felipe passou um tempo conversando com outros

escaladores e, dado o sinal, todos se posicionaram. Logo no primeiro pega, Felipe mandou a via! E o fez de uma maneira impressionante!

Quando à graduação, a princípio este é o pedaço de calcário mais árduo já ascendido no Estado e, possivelmente, no Brasil! Depois de um ano escalando na Europa, Felipe adquiriu uma bagagem considerável para avaliar o grau de dificuldade de vias esportivas. Neste caso, ele comparou *A dor é o poder* com uma linha do mesmo estilo: a *Santa linya*, um 10b na Espanha, que ele mandou de *flash*. Como considerou "*A dor(...)*" uma via muito mais difícil, sugeriu um 11a. Cabe ressaltar que se trata da 1ª ascensão deste grau em Minas Gerais!

No fim do dia, outro projeto – "*Frequência produtiva*" – foi trabalhado e despertou a atenção do Pikuira. Esta linha, que deve ser um provável 10c, é bem plástica e se situa na parte mais negativa do setor 45.



Alexandre Fei trabalhando no setor Foda.

**3º ato**  
**Desafiando outros projetos**

Empolgados com a possibilidade de fotografar ao máximo o Felipe em sua passagem por Minas, decidimos desenvolver o projeto de um produto que pudesse contribuir financeiramente com parte dos custos para a temporada europeia 2009 de competições. Concebemos, então, a idéia de um pôster-calendário em Felipe desafiando o projeto que imaginamos ser o mais forte da Serra do Cipó e, quem sabe, do Brasil: a via "*Premonição*".

Passamos a semana trabalhando no projeto enquanto Felipe treinava na academia Das Pedras. Aliás, as academias de Belo Horizonte merecem uma menção especial. Elas constituem uma das bases deste novo período que vivemos em Minas Gerais.

Novos espaços estão surgindo e outros foram reformulados para atender às exigências dos atuais estilos de escalada. Graças a estes espaços, o número de praticantes vem crescendo em todo Estado. Tudo pronto e, na quinta-feira (12/03), parte da equipe Dedos Fritos partiu junto com Felipe para a Serra do Cipó. Conosco, a produtora Avesso Filmes, que realizaria a captura de imagens e sons necessários para a produção de um VD-clip. Conseguimos, no último momento, um apoio da loja de equipamentos especializados, a Adrena, para a produção do pôster-calendário que estará à venda a partir da primeira semana de abril.

Ainda na capital, recebemos notícias da equipe de campo avançada dizendo que não seria possível fazer um trabalho específico sobre a via *Premonição*, dadas as condições de escalada. Além da sujeira e umidade, o grau elevado da via fez Felipe reconsiderar as possibilidades de ascensão. De fato, a via parece ser

pelo menos um 11b e, segundo o escalador, seriam necessárias duas semanas para viabilizar a cadena. Felizmente, não faltam projetos na Serra do Cipó. Este é outro pico de Minas que passa por um momento de evolução intensa, principalmente em relação às conquistas. Mais precisamente, foram oito setores novos ou reciclados que receberam a atenção dos conquistadores mineiros, a saber: Vale de Blair, Caverna do Cagão, Sombras, Grupo Zero, Esquereram de Mim, Cangaco e Foda, além das extensões das vias da Sala de Justiça. Todo este rebuliço tem atraído a atenção de escaladores locais, de outras regiões e países. Constantemente recebemos visitas de estrangeiros em nossas terras.

Com a ajuda do Alexandre Fei, escolhemos o projeto "*Cabra da peste*" para o "mutante" Felipe provar. Na sexta-feira (13/03), a equipe Dedos Fritos escolheu as melhores posições para trabalhar, enquanto o Pikuira limpava as agarras e equipava a via. Bem diferente de "*A dor é o poder*", esta via se caracteriza pelas célebres pinças desconcertantes que podemos encontrar no Cipó. No sábado (14/03), nos concentramos em capturar imagens sob melhores condições de luz. Estávamos posicionados aguardando mais uma vez o escalador liberar toda a sua força para despachar outro projeto. Dito e feito. Depois de dois pegas, não tão sólidos, Felipe rosna para a via e consegue dominar o movimento que não o deixava passar. Mais uma vez, sensacional! O segundo projeto cai diante de nossos olhos, estupefatos com a desenvoltura do escalador. 10c é a sugestão para a graduação da via que, para alguns, ficou barato. De acordo com o próprio Felipe, as próximas ascensões confirmarão o grau que, para nós mortais, tende mais para um "ônzimo" - como diz o Fei.

Mais uma vez órfãos de projetos, decidimos que no domingo iríamos colher mais imagens do "*Cabra da peste*" para diversificarmos o inventário. Dispúnhamos até de microfones de lapela, que funcionaram perfeitamente. Já sem tempo para vislumbrar outros projetos, Felipe passou a tarde conhecendo a extensão da linha "*Inquilino*". Conhecida como "*O Novo Inquilino*", a via guardava mais um gladiador capaz de isolar os movimentos da nova parte equipada, que liga a "*Inquilino*" com a porção final da clássica "*Ética Decomposta*". E, pois bem: a parte-boulder, que não havia sido isolada, acabou sendo desvendada rapidamente pelo nosso "mutante". Bastaram algumas tentativas para que ele completasse os movimentos boulderísticos que caracterizam essa passagem. Aliás, digamos que somente este trecho deve ficar por volta de um V10/11. No mínimo, a Sala de Justiça terá mais um 10c no seu *hall of fame*.

Apostamos em dizer que Felipe é nosso embaixador do *climb esportivo* no exterior. Hoje ele tem a chance de divulgar a nossa escalada mundo afora, em rodas de bate-papo com "extraterrestres" como Patxi Usobiaga, Dani Andrada, Chris Sharma e Mr. Graham, entre outros. E ele tem nos representado muito bem, munido de uma determinação notável! Nas competições em que participou no ano de 2008 na Europa, Felipe alcançou posições de destaque como o 20º lugar na Copa do Mundo Adulta (Puurs –Bélgica) e o 8º lugar na Copa Europeia Juvenil (Kranj –Eslovênia). Toda essa garra já vem dos tempos em que Felipe teve que vender alguns bons litros de refrigerante, ganhos do patrocinador, para ser o campeão juvenil da América do Sul (Guatemala/2006). Este ano, Pikuira foi convidado a participar de eventos da elite do circuito europeu, como o Master Internacional de *Serre Chevalière* na França, além das copas juvenis e mundiais. Pretendemos incentivar o público e os empreendedores com o projeto do pôster-calendário, e esperamos que Felipe consiga patrocínios de peso, capazes de fornecer toda a infra necessária para que ele se torne um escalador profissional, em seu sentido pleno.

Escalar, ele já sabe...

# O MORRO DO FERCAL E A ESCALADA NO DISTRITO FEDERAL

TEXTO: GRAZIELA DE OLIVEIRA E PHILIPPE LAYRARGUES

Existem alguns lugares que a gente se pergunta se é possível escalar, porque no nosso imaginário, esses lugares não possuem montanhas, grandes afloramentos rochosos ou simples blocos onde praticar a escalada. E se você acha que Brasília se encaixa nessa situação, uma cidade monotonamente plana e sem nenhuma formação rochosa na paisagem, está na hora de rever os seus conceitos. Pode-se escalar sim – e com qualidade – na Capital do país. Onde? A menos de 50 km do centro da cidade, dentro da Área de Proteção Ambiental da Cafuringa, no município de Brazlândia. No Morro do Urubu também conhecido como Morro da Pedreira, está a Fercal, único e por isso mesmo, valioso complexo de escalada dentro do Distrito Federal. O nome Fercal surgiu da Fertilizantes Calcário criada em 1956.

Trata-se de um afloramento calcário rodeado por uma densa vegetação nativa em bom estado de conservação, com algumas cavernas e abismos em seu interior. O tipo de rocha – calcário – implica em algumas características exclusivas que definem o perfil da escalada na Fercal: em muitas vias a pedra é lisa e escorregadia na sua base, dificultando a progressão em aderência, já na proximidade do topo, a pedra fica abrasiva e com muitas proeminências alongadas, despontando como verdadeiras facas, em função do processo erosivo pluvial. Inexistem chaminés, tornando a oposição uma técnica desconhecida na região; mas existem muitos regletes no formato de “copinhos” razoavelmente confortáveis para as falanges.

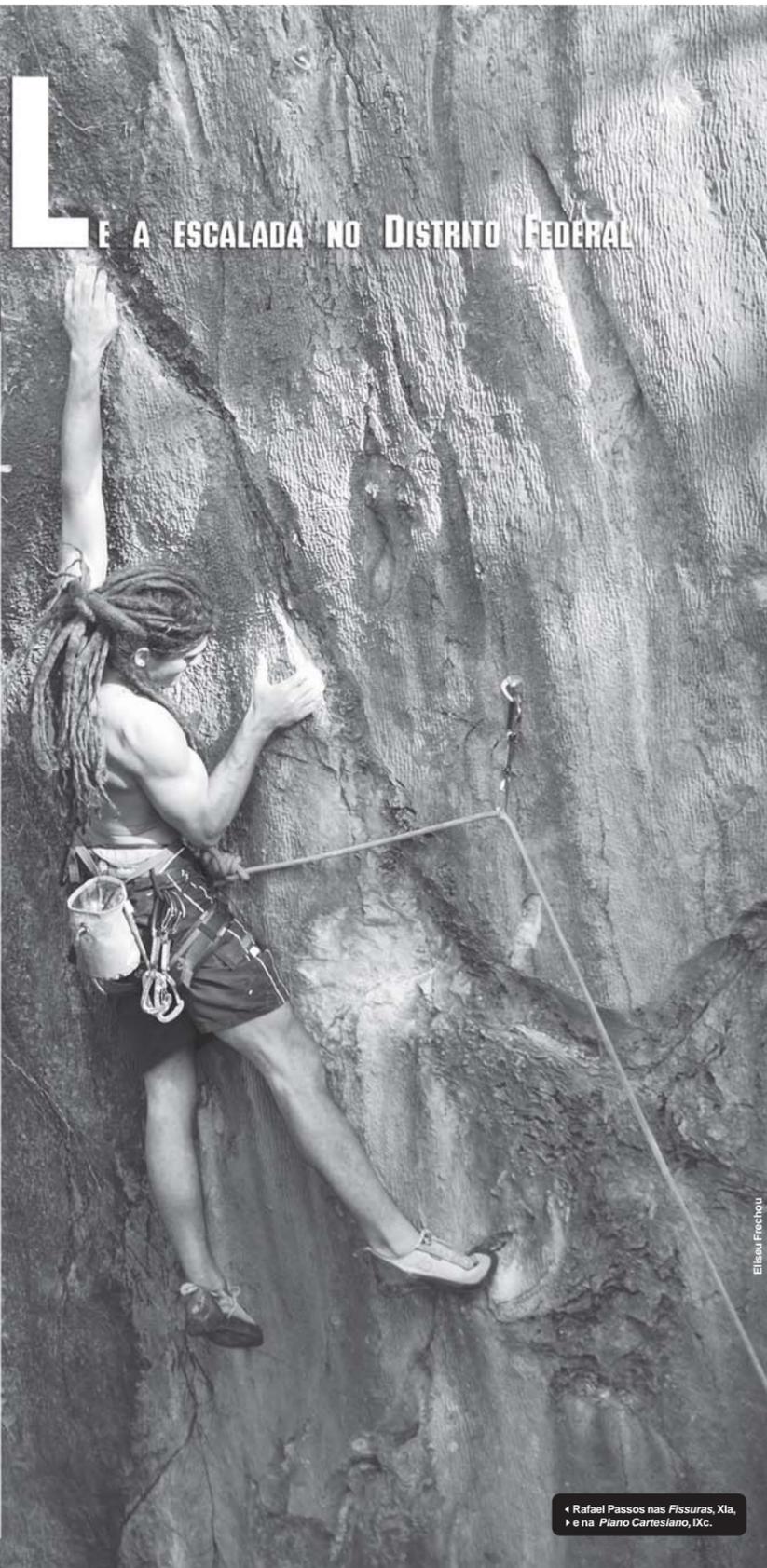
O clima da região é marcado por duas estações bem nítidas: um período chuvoso (outubro a maio) quando a possibilidade de chuva sempre deixa um elemento surpresa que pode impedir ou interromper a escalada; e um período seco (junho a setembro), quando a escalada é garantida: não chove de jeito nenhum. Mas em compensação, a baixa umidade do ar obriga o escalador levar uma boa provisão de água, pois não há água potável disponível na Fercal. E as abelhas, sempre presentes, são um capítulo à parte que compõem o cenário da escalada na Fercal.

A Fercal começou a ser freqüentada para a prática da escalada há cerca de vinte anos, desde julho de 1989, quando a Universidade de Brasília (UnB) sediou o XX Congresso Nacional de Geologia, e entre as atividades do evento, foi realizado um curso de escalada ministrado por André Jack, de Belo Horizonte, e pelos paranaenses Nelson Drá Pudles e Alir Douglas Welner (Mute). Nessa época, a Fercal já era freqüentada pelos alunos de Geologia da UnB, para a prática da Espeleologia.

Após o primeiro curso, em abril de 1990 foi criado o Muro de Escalada no Centro Olímpico da UnB, que permanece até hoje em funcionamento. Em julho do mesmo ano, ocorreu o segundo curso de Escalada em Brasília, novamente na Fercal, e um dos instrutores nesta edição, foi o Ronaldo Franzen, tendo como aluno o saudoso montanhista Othon Leonardos, que viria a falecer em 03 de fevereiro de 1998 juntamente com Alexandre Oliveira e Mozart Catão enquanto tentavam escalar a face sul do Aconçágua.

Uma característica interessante do período inicial da escalada na Fercal é que as vias foram predominantemente abertas em móvel. Mas como a troca de informações naquela época não era fácil como nos dias de hoje, grande parte das vias atualmente grampeadas provavelmente foi uma via totalmente em móvel.

O sítio de escalada da Fercal possui cerca de 50 vias distribuídas em três complexos, que variam do 4º ao 9º, muitas em negativo, e com



◀ Rafael Passos nas Fissuras, Xia, e na Plano Cartesiano, IXc.

Eliseu Frechou

cerca de 10 a 15 metros, mas que não ultrapassam os 25 metros de extensão. Com dez costuras é possível escalar a maior parte das vias. Por estar a menos de uma hora do Plano Piloto e por haver vias de baixo grau e baixa exposição, a Fercal é considerada um campo-escola de formação e treinamento de escaladores.

A Fercal se localiza dentro da propriedade do senhor Waldemar, que sempre permitiu o acesso gratuito às vias, apenas recomendando para quem segue de carro, estacionar em frente à sua propriedade, tanto para que seja possível saber se há escaladores presentes no local, como para evitar eventuais acidentes na estrada com o carro estacionado no acostamento, já que a porteira que dá acesso aos complexos se situa numa curva em declive íngreme na estrada.

Passando a porteira de entrada da propriedade e seguindo a trilha à esquerda por aproximadamente trezentos metros, há uma cerca de arame farpado, subindo à esquerda por poucos metros, pode-se avistar as primeiras vias do Primeiro Complexo. A via que se destaca neste complexo é a *Plano Cartesiano IXc*, uma via boulderística com pegadas de oposição bastante constante nos movimentos e com apenas quatro proteções, onde a terceira costura é difícil de realizar. Outras vias que merecem ser mencionada neste complexo são a exigentes *El Demo VIIc/VIIIa* e a *Corrimento Geológico VIIa*, com seu crux bem definido; e as populares *Greyskull VI sup* e *Pança de Mamute VI*.

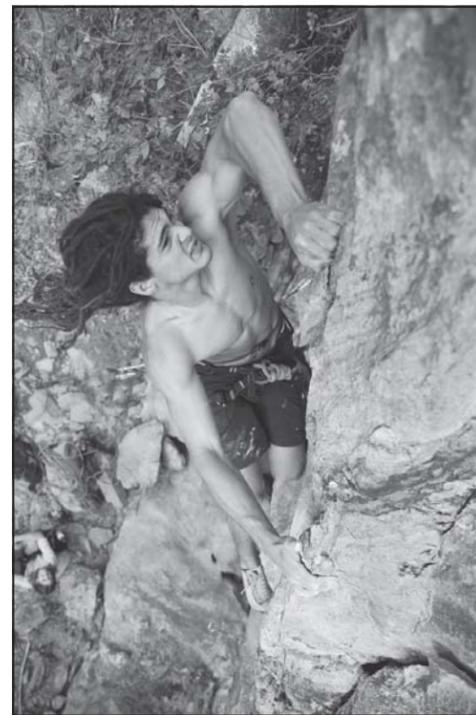
Para acessar o Segundo Complexo, deve-se retornar à porteira de entrada, e seguir pela trilha à direita, contornando a mata calcárea e passar por uma porteira de arame – normalmente fechada, e se manter na trilha de subida, buscando a maior formação rochosa. Na trilha, próximo à parte mais fechada da mata para acessar o Segundo Complexo, à esquerda, há uma pequena formação que abriga a via *Quadrinhos VI* com três chapeletas e o topo, local perfeito para o iniciante ter sua primeira experiência de escalada guiada. Ainda na mesma formação, na parede de frente, o destaque vai para a *Banco de Sangue*, um VII curtíssimo e ágil que costuma manter a fama do nome.

O Segundo Complexo é a área mais freqüentada da Fercal, onde está a via chapeletada mais antiga de Brasília, *Libélula Brocha V* e ao seu lado a popular *Corpus Ardentes VIsup* – via com agarras boas, pés bons exceto a saída, e o final que apresenta um tetinho que define o grau da via. Foram nessas vias que a maioria dos escaladores de Brasília iniciou suas experiências e delas acompanharam o crescimento da escalada na região.

Ao chegar no Segundo Complexo, duas vias incríveis: *Brutus VIIc/VIIIa* – via de resistência com pequenos segredos que dificultam mandá-la à vista, sendo que a segunda parte da via é mais intensa. Das vias mais antigas da Fercal temos ainda a *Limiar do Ribombo VIIc* – saída em equilíbrio com agarras escorregadias e um uso em oposição do dito “ribombo”.

A via mais tradicional da Fercal é a *Sargentão V*, toda em móvel, sugerida para se fazer em duas pequenas cordadas, e que termina sobre a *Mestre dos Magos*, por onde pode-se rapelar para a saída completando o rapel na *Libélula Brocha* ou na *Corpus Ardentes*.

Seguindo uma trilha íngreme à direita da *Corpus Ardentes*, e em seguida passando sobre a



mesma, a Fercal apresenta ainda outras vias como a delicada *Sem noção VI*, que exige mais técnica e equilíbrio do que força, a *Mestre dos magos VIIb* que garante um dos visuais mais incríveis da Fercal, e outras vias mais curtas, como *Playground*, *Susi* e *Domingo no parque*.

Para acessar o Terceiro Complexo, local onde começaram as escaladas no Distrito Federal, basta prosseguir na trilha que passa em frente à *Libélula Brocha*, cruzando a mata por mais uns trezentos metros. Pouco visitado em razão da densa vegetação fechada, acolhe as vias mais antigas, com destaque para a *Só para começar*, também conhecida por *Aresta*, VIIIb.

Enfim, Brasília, além de contar com um improvável mas valioso sítio de escalada esportiva – a Fercal –, conta também com uma assídua e crescente comunidade de escaladores com presença garantida nos finais de semana espalhados nos três complexos da Fercal.

A Associação Brasileira de Escalada e Montanhismo (ABRESCA) busca reunir desde 2006 as informações acerca das vias da Fercal, pois ainda não há guia de escalada da região organizado. Vários escaladores colaboraram com as informações abaixo, porém há muitos dados que podem completar e corrigir a lista abaixo:

## Primeiro Complexo

*Corrimento Geológico VIIa* – Rodrigo Bera e Alessandro Imbellone  
*Plano Cartesiano IXc* – Eduardo Carvalho (Duda)  
*El Demo VIIc / VIIIa*  
*Greyskull VI sup* – Rodrigo Bera, Alessandro Imbellone e Maurício Martins  
*Ratzeice IXa* – Alessandro Imbellone e Rodrigo Bera  
*Boulder VIsup* – Marcelo PV  
*Pança de Mamute VI*  
*Dinossauro VI* (somente o topo)  
*Fissuras IXa*

*CinKtchose* – projeto de Alessandro Imbellone e Rodrigo Bera  
*Via sem nome* com quatro grampos poucos metros à direita da *Corrimento Geológico*

## Segundo Complexo

*Limiar do Ribombo VIIb* – Ronaldo Franzen (Nativo)  
*Neolítico VIIIa* (utilizar uma fita) – Alessandro Imbellone  
*Brutus VIIc* – projeto de Othon Leonardos e Alvaro Barros, grampeada por Alessandro Imbellone  
*Força de Aymoré IXc* – Yuri Saloma e Yuri  
*Bacural Caolho VIIIb* – Ricardo Linhares e Othon Leonardos  
*Festa do Cabide VIsup* (móvel)  
*Onde bate corta VIsup* (móvel) – Rodrigo (Piá) e Rodrigo Amazonas  
*Sargentão Vsup* (móvel) – Laerte e Carlos Eduardo (Pará)  
*El Ninho VI* – Rodrigo Bera e Alessandro Imbellone  
*Libélula V* – originalmente em móvel pela fenda à esquerda com participação de Márcio Perdigão e Lanjal, e posteriormente grampeada por Côrtes  
*Corpus Ardentes VI* – Alvaro Barros e Gabriel Seraphin  
*Chuva de Pedra V* – Vladimir  
*Besouro Louco VIIb* – Rodrigo Bera, Alessandro Imbellone e Mara Imbellone  
*Gota D'Água VIIIa* – Rodrigo Bera, Alessandro Imbellone, Mara Imbellone e Ceará

## Terceiro Complexo

*Sem raiz VIIIb* – Rodrigo Amazonas (somente o topo)  
*Predador VIIc* – Rodrigo Bera, Alessandro Imbellone, Mara Imbellone e Ceará  
*Tráfego Aéreo VI* – Alvaro Barros e Othon Leonardos  
*Sem saída VI* (móvel) – Alvaro Barros  
*Sem Noção VI sup* – Vladimir e Paulo  
*Mestre dos Magos VIIb* – Ricardo Linhares e Othon Leonardos  
*Suzi V sup* – Victor Perdigão  
*Domingo no Parque IV* (somente o topo)  
*PlayGround III* (somente o topo)  
*Mondrugão VIIIc* – Alex Ribondi  
*King Size VIIIc* – Alessandro Imbellone, Mara Imbellone e Rodrigo Bera  
*E os Planos Continuum VIIIa* – mista Alessandro Imbellone  
*Futum Fecal VIIIc* (existem dois grampos na parede oposta para rapelar)  
*Quadrinhos IV* (recomendada para iniciantes na escalada guiando)  
*Banco de Sangue VII* Rodrigo Bera e Alessandro Imbellone

PARA TODO TIPO DE AVENTURA, INCLUSIVE AS DO DIA-A-DIA!

**Acampar**

- :: Há mais de 20 anos no mercado
- :: Marca consagrada
- :: Qualidade
- :: Resistência e durabilidade
- :: Materiais impermeáveis
- :: Baixas temperaturas
- :: Garantia de 30 meses
- :: Adventure Center Acampar®

**Também fazemos produtos personalizados com a sua marca**

- :: Mochilas
- :: Vestuário
- :: Acessórios
- :: Calçados
- :: Pochetes
- :: Bolsas

Loja Virtual [www.acampar.com.br](http://www.acampar.com.br)  
 info@acampar.com.br  
 Loja de Fábrica R. Francisco Derosso, 2.300 - Loja 8  
 81720-000 - Xaxim - Curitiba/PR - (41) 3079-8200  
**NOVA LOJA** Shopping Estação Av. Sete de Setembro, 2775 - Loja 2060  
 2º piso - 80230-010 - Rebouças - Curitiba/PR - (41) 3029-2100

# Manifesto da Escalada Natural

Um dos textos mais importantes sobre o conceito de escalada livre, publicado na íntegra, 26 anos depois.

ANDRÉ ILHA | RJ

Quando em 9 de abril de 1912 cinco jovens de Teresópolis pisaram pela primeira vez o cume do Dedo de Deus, começava em nosso país a prática de um novo esporte já bastante popular em outras partes do mundo, o Montanhismo. Ganhando de imediato novos adeptos, o Montanhismo desenvolveu-se tendo como óbvio objetivo inicial a conquista de inúmeros picos ainda virgens no Rio de Janeiro e em seus arredores e, à medida em que estes escasseavam, a de novas vias de acesso a montanhas já escaladas anteriormente.

O equipamento e as técnicas empregados por esses pioneiros eram evidentemente bastante primitivos, parte devido à própria época em que essas ascensões se deram, parte pela falta quase que absoluta de contato com outras regiões nas quais a escalada em rocha se encontrava mais desenvolvida.

O uso de troncos e escadas como auxílio direto na progressão do escalador era a regra, e a proteção inteiramente baseada em grampos, artefatos de segurança que, uma vez aplicados, marcam irreversivelmente a rocha. Cabos de aço eram considerados uma técnica refinada, e o expoente máximo no uso deste artifício foi o infatigável escalador Sílvio Joaquim Mendes, que ao longo da década de 40 produziu diversas escaladas, algumas notáveis, com este recurso. Não havia qualquer preocupação com estilo pois então, muito compreensivelmente, o importante era completar a escalada e atingir de qualquer maneira o cume visado. Os fins justificavam os meios. Pouco importava como a via era feita, já que escaladas eram encaradas como simples itinerários na rocha a serem vencidos com o auxílio de todos os recursos disponíveis.

Novas técnicas foram então criadas e introduzidas em nosso meio, e o equipamento à disposição do escalador foi de tal forma aperfeiçoado que muito cedo chegou-se ao ponto em que, literalmente, qualquer via poderia ser conquistada, mesmo por cordadas sem o menor preparo para tal, através de artificiais fixos. A habilidade cedia lugar à diligência, a criatividade à repetição, a coragem à tecnologia, e a vitória final sobre a escalada tornava-se, assim, um fato inevitável.

Além disso, muitas dessas conquistas eram coletivas, ou seja, aquelas nas quais o sentimento maior de descoberta e criação de uma nova via é substituído por um trabalho de grupo que, embora gratificante sob certos aspectos, reduz o escalador de condição de um verdadeiro artista para a de simples operário. Resulta daí que a montanha terá que ceder, necessariamente, diante de um assalto que conte com tantos esforços alocados de forma sistemática. Isso rouba da escalada em rocha o sabor de aventura e a incerteza do resultado, sen-

sações próprias de ascensões executadas com meios limitados e que, certamente, são dois de seus maiores atrativos. A experiência única que é a abertura de um novo traçado por uma cordada pioneira cede lugar a um avançar repetitivo, quase monótono, com o uso maciço de recursos materiais e humanos visando apenas completar a via, e não extrair dela experiências enriquecedoras.

Para salvar o esporte, enquanto esporte, de uma estagnação total, impunha-se que a comunidade local de escaladores resolvesse, voluntariamente, limitar os meios empregados em conquistas e ascensões subsequentes. Tal atitude era inclusive urgente, pois o Rio de Janeiro e seus arredores já haviam sido severamente castigados com milhares de grampos absolutamente desnecessários. Estes desfiguram por completo o caráter natural das paredes rochosas e constituem-se, em termos ecológicos, em uma forma de poluição estética tão indesejável quanto o lixo que por vezes vemos espalhado ao longo de trilhas, acampamentos e mesmo amontoado na base de certas escaladas.

De fato, ao longo do tempo foram surgindo escaladores para os quais subir simplesmente uma parede passou a representar muito pouco, e que viam escaladas não como um mero itinerário na rocha, mas como uma íntima união deste com o estilo empregado durante a sua conquista e mesmo em ascensões posteriores. Para eles, grampos eram apenas o último (e não o único) recurso a ser usado, e escaladas deveriam ser tentadas o mais em livre possível, ou seja, sem se utilizar dos artefatos de segurança para apoio e progressão, devolvendo-lhes o seu caráter original de proteção no caso de uma eventual queda. Se uma escalada lhes parecesse acima de suas capacidades, treinavam para fazê-la corretamente ou então desistiam da empreitada, respeitando os limites impostos pela montanha.

Um dos mais remotos e brilhantes exemplos dessa nova mentalidade foi a conquista da *Face Leste* do Dedo de Deus, em 1944 – e portanto em plena era do cabo de aço –, por três associados do Centro Excursionista Brasileiro, sem o uso de um grampo sequer. O CEB foi o pioneiro e desde então, até há poucos anos atrás, essa linda escalada pôde ser desfrutada em seu estado original por centenas, talvez milhares, de escaladores.

Exemplos como esse, de escaladas naturais, se multiplicaram ao longo dos anos, mas como a toda ação corresponde uma reação, logo se levantaram algumas vozes e críticas contra esse processo, que começava em nosso país já com considerável atraso em relação aos demais locais no mundo onde o esporte era praticado com seriedade. Essas críticas partiam de indivíduos ou grupos inconformados com o progresso e a evolução da escalada em

rocha em nosso país, por razões para mim obscuras, mas eram a princípio discretas, já que não foi senão muito lentamente que o conceito de “escalada limpa” foi se estabelecendo em nosso meio e, portanto, não se constituía ainda em ameaça maior ao arcaico status quo vigente.

Ocorre que o número de adeptos do purismo em nosso esporte cresceu consideravelmente em número e habilidade, graças à natural evolução que acompanha o desenvolvimento de qualquer atividade, e sua capacidade técnica foi em muito ampliada devido à determinação de se explorar novos limites de dificuldade com uma auto-imposta redução de meios.

Dentro desse espírito, notáveis conquistas foram realizadas; afinal, a escalada em livre pode ser comparada a uma dança de rara elegância executada em um cenário vertical, e certamente é uma das mais belas e gratificantes formas de expressão do corpo humano em movimento. Nela, cada parte do corpo, assim como os sentidos e as emoções, são convocados a cada instante a terem um desempenho preciso para que se possa vencer o obstáculo proposto. Além disso, se a competição em nível interpessoal e intergrupal é um elemento inteiramente estranho e condenável em nosso esporte, pode haver uma competição velada do escalador com ele mesmo, no sentido de estabelecer os seus próprios limites e, se possível, alargá-los.

Para isso, por vezes, é necessário um grande treino e dedicação, como de resto em qualquer outra atividade humana. Mas que mal há nisso? A esse respeito, seria interessante ouvirmos o parágrafo final do editorial da revista inglesa Mountain, em sua edição de janeiro/fevereiro deste ano (1983): “Não devemos nos preocupar quando os escaladores se tornam mais atléticos e usam sua própria força para conquistar a montanha, mas sim quando abusam no uso de artifícios para reduzir a montanha ao seu próprio nível. A reabertura aos olhos do mundo ao longo dos dez últimos anos da noção de escalada em livre pura pôde assegurar a continuidade da saúde do esporte”.

Aliás, o nivelamento por baixo do esporte parece ser o objetivo dos mais exaltados opositores de seu progresso nos dias atuais, gente que em plena década de 80 ainda conquista com cabos de aço, escadas de madeira, artificiais fixos inúteis etc., e que altera profunda e irreversivelmente as características originais de ótimas vias criadas no passado e assim repetidas por anos – ou décadas –, freqüentemente sem comunicar o fato aos conquistadores. Estas pessoas acusam a nova geração e seus feitos como obra de acrobatas e elitistas. Acrobatas porque muitos escaladores de hoje sentem prazer em enfrentar obstáculos muito acima dos acanhados limites que a estreita visão



daqueles permite enxergar. E elitistas porque, em sua determinação de desenvolvimento, encaram e tentam dominar os seus próprios medos, e porque têm a suprema coragem de admitir a derrota frente às dificuldades naturais, sem recorrer a marretadas como uma solução rápida e fácil para os problemas que se apresentem.

Diz-se também que não está havendo respeito pelas tradições do Montanhismo, e que as atividades dos escaladores de hoje são conflitantes com o espírito dos clubes, dos quais se estaria tentando, inclusive, subverter a ordem normal. Nada mais falso. Os clubes sempre foram o principal centro de prática e difusão do esporte em nosso país, e seu papel é insubstituível nesse aspecto. Aqueles que se modernizam nada têm a temer; pelo contrário, só têm a lucrar com a efervescência que a introdução de novas idéias, técnicas e equipamentos trazem. Além disso, tradições só fazem sentido quando não interferem com o progresso, pois se não ainda estaríamos escalando com cordas de sisal na cintura e botas cardadas, a ainda seriam exigidos ao novato dois anos de experiência comprovada para participar de uma simples ascensão à Agulha do Diabo.

Os clubes devem ser fortalecidos, desde que não se desviem de sua finalidade original: ponto de encontro de montanhistas, centro de divulgação e estímulo à prática do esporte e arquivo da memória excursionista. Quando um clube passa a dar maior importância à sua vida social do que ao Montanhismo em si incorre em grave deterioração, que fere o próprio ideal que motivou a sua criação.

Finalmente, a última crítica que pesa sobre os defensores das escaladas naturais a merecer consideração é a que diz respeito às vias por eles criadas, que seriam perigosas, inseguras, e que se estaria tentando torná-las propositalmente difíceis e inacessíveis ao escalador comum. Nota-se aí, novamente, o conceito de elitismo sendo usado como arma improvisada para suprir a falta de argumentos mais consistentes sobre o assunto, e para disfarçar sentimentos inconfessáveis.

Um exemplo concreto de que qualidade

não é sinônimo de dificuldade novamente pôde nos ser dado por associados do CEB, ao conquistarem recentemente duas pequenas e fáceis escaladas de 2o grau no Rio de Janeiro, os Paredões São Pedro e Yosemite. Ambas são vias que, apesar de clássicas em sua concepção, foram conquistadas dentro de um estilo impecável, ou seja, inteiramente em livre e com grampos em número suficiente para torná-las seguras, e nada mais.

É evidente que sempre poderá haver alguma discordância quanto ao tamanho de alguns lances, mas tais discussões devem ser levadas a termo civilizadamente sob o signo do bom-senso, e há de se respeitar, em última instância, a concepção original dos conquistadores. De qualquer forma, a questão poderia ser resumida nas palavras de um alpinista austríaco (Reinhold Messner), comentando a respeito dos que insistem em reduzir a dificuldade da montanha por meio de artifícios: “Esses escaladores carregam a sua coragem na mochila”.

Quanto à proteção móvel – ou natural, já que não danifica a rocha –, tal como nuts, friends, bicos de pedra, afirmo que ela é absolutamente segura quando corretamente empregada, e seu uso é a regra, e não a exceção, em todo o mundo. Há quem diga que nuts não deveriam ser usados, pois nem todos sabem lidar com eles ou mesmo não os possuem. Ora, qualquer técnica só pode ser posta em prática se houver um aprendizado prévio, e o uso de nuts, como qualquer outra em escalada, deve ter o seu ensino difundido para todos. Bater grampos ao lado de boas fendas, visando torná-las acessíveis para todos, seria como se o Comitê Organizador das Corridas de Fórmula I franqueasse suas provas a carros de passeio, para que todos nelas pudessem tomar parte. As únicas diferenças correm por conta da natureza competitiva daquele esporte e equipamentos trazem. Além disso, tradições só fazem sentido quando não interferem com o progresso, pois se não ainda estaríamos escalando com cordas de sisal na cintura e botas cardadas, a ainda seriam exigidos ao novato dois anos de experiência comprovada para participar de uma simples ascensão à Agulha do Diabo.

Para concluir, gostaria de lembrar a todos os montanhistas presentes, mas especialmente aos mais novos que, no momento atual, estamos diante de uma encruzilhada que decidirá qual o futuro de nosso esporte. Está em jogo o nosso maior patrimônio, ou seja, o conjunto de paredes rochosas que nos circundam, e que serão legadas àqueles que nos sucederem.

Cabe então a cada um, com base nesses fatos que saltam aos olhos de quem quiser vê-los, escolher o seu caminho. Pode ser o caminho fácil que conduz ao passado, o da despreocupação com estilo e com a integridade física e estética da rocha, onde qualquer dificuldade pode ser imediatamente substituída por um grampo; ou pode ser o caminho muito mais árduo e exigente da escalada natural, onde dedicação – por vezes obstinação – e firmeza de propósitos

são requisitos indispensáveis. Um caminho onde insucessos são mais freqüentes, mas que por outro lado, e por este mesmo motivo, as recompensas interiores de uma vitória são incomparavelmente maiores, já que derivam de um encontro justo com a montanha. Se esse rumo for o escolhido por todos, então poderemos afirmar com segurança que a escalada em rocha no Brasil irá ocupar, em breve, o lugar de destaque que merece, tanto dentro quanto fora de nossas fronteiras.

#### Pontos de apoio

Evitar o uso de pontos de apoio artificiais tem sido um constante tema de debates em nosso círculo de escaladores, uma vez que a escalada em livre é um dos objetivos mais evidentes contidos no conceito de escalada natural. Mas o que realmente vem a ser “escalar sem pontos de apoio”? Ou, em outras palavras, como poderíamos definir com precisão o que é escalada livre? Na moderna concepção do esporte significa não se utilizar, de forma alguma, dos pontos de segurança (grampos, pitons, nuts, cunhas etc.) para auxílio direto na progressão do escalador, reservando-o apenas para proteção caso uma queda venha a ocorrer. Isso implica não pisar nem segurar neles, tanto para impulso quanto para equilíbrio, em ascensões que se digam como sendo em livre.

Dentro desse conceito, descansar em um grampo também é uma forma de usá-lo como apoio, pois assim a continuidade de dificuldades, sem a presença de locais naturais de repouso – platôs, lacas, depressões e saliências de porte na rocha –, estará sendo quebrada, e esse é um dos fatores preponderantes na determinação do grau de uma via, a ser assumido por quem se dispuser a fazê-la em livre.

Mesmo que após descansar o escalador retome a sua posição original no lance para o reinício da ascensão, ainda assim estará usando um ponto de apoio, pois terá se valido de um artifício para dividir uma seqüência de dificuldades em “n” partes, tornando-a obviamente mais fácil enquanto menos extenuante. Em outros países isso é chamado de aid-rest (descanso com apoio), e as passagens assim executadas são classificadas como sendo de A-0, pois encontram-se a meio caminho entre ascensões em livre puras e os artificiais convencionais.

A exceção evidente a esta regra corre por conta das paradas no final das enfiadas de corda onde não hajam locais naturais de repouso, ou no-hands rests, se usarmos uma vez mais a terminologia empregada no exterior. Mas a prática nos mostra que tais casos são raros, e que a negativa a esta afirmação decorre do fato de que o nosso sistema usual de proteção, centrado em grampos fixos de altíssima resistência, permite a parada em virtualmente qualquer ponto da escalada, sem que se tenha que buscar, necessariamente, um desses locais naturais de repouso para descansar e trazer o participante.

Um exemplo concreto: há uma seqüência de lances no paredão *Soleil*, entre o seu primeiro platô e um óbvio buraco (lo-

cais de parada naturais) que, se feita em livre de forma contínua, terá uma dificuldade. No entanto, se for repetida descansando-se em cada grampo, ou dividida em duas ou mais enfiadas de corda por meio de paradas forçadas, então sua dificuldade será inteiramente diferente daquela.

E quando o escalador cai? Ao voltar à sua última costura para se recompor não estará ele usando um ponto de apoio artificial para descanso? Sim, pois a queda significa que ele falhou em sua tentativa de subir em livre aquele trecho. Deriva diretamente deste fato um estilo de ascensão muito popular em todo o mundo conhecido como “iô-iô”, onde o escalador, após cada queda, retorna ao seu último no-hands rest (literalmente, ponto de descanso sem as mãos) e daí recomeça toda aquela seqüência de lances, visando fazê-la de forma contínua. Conhece-se casos de cordadas que consumiram mais de um mês de tentativas em iô-iô até conseguiram, finalmente, fazer em livre uma determinada enfiada de corda de dificuldade extrema. A opção para este fanatismo seria usar os apoios e assumir que não foi possível fazer em livre aquela via.

Outra dúvida que constantemente surge é se o escalador está usando um ponto de apoio quando segura em um grampo apenas para costurá-lo. Certamente que sim, pois isso além de ser uma forma de descanso, especialmente após lances de agarrinhas, freqüentemente serve como meio de se recuperar o equilíbrio perdido ou abalado após um lance difícil. Repetir escaladas evitando o uso de pontos de apoio artificiais é um caminho rápido, seguro e eficiente para aprimoramento técnico individual. Permite tam-

bém que velhas vias conquistadas total ou parcialmente em artificial subitamente voltem a despertar interesse, para ver se é possível se “eliminar” (evitar) os pontos de apoio até então existentes. Essa prática tem como consequência direta uma elevação substancial no nível geral de habilidade dos escaladores, e faz com que certas vias sofram drásticas mudanças de dificuldade. Por exemplo: o paredão *Baden Powell*, de acordo com a concepção tradicional, é classificado como 4o IVsup, mais um pequeno cabo de aço (C). Se feito inteiramente em livre (cabo de aço inclusive) no entanto, seu grau pula para 5o VIsup se os mesmos parâmetros de avaliação forem utilizados, no caso os propostos pela Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro – FMERJ em 1975.

Isso em absoluto não significa que todos devam escalar dessa forma, pois a total liberdade de ação, fruto da escolha pessoal, é uma das principais características de nosso esporte, desde que terceiros não sejam prejudicados como no caso de grampos instalados para substituir dificuldades. Mas não é demais pedir que relatos de conquistas e repetições de vias já estabelecidas sejam precisos nesse aspecto, para que se possa avaliar corretamente a dificuldade de cada via e haver uma padronização da nomenclatura específica, reservando o termo “escalada livre” para aquelas que realmente o forem.

Texto lido durante o I Encontro Brasileiro de Montanhismo, ocorrido em setembro de 1983 na cidade de Teresópolis, na sede do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, e depois distribuído amplamente em versão impressa com o texto subsidiário, "Pontos de Apoio", publicado aqui na íntegra.

		ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL
WWW.GRINGAAGARRAS.COM.BR		
	COMPRE DIRETO PELO NOSSO SITE!	
	agarras training systems	
	TEL: ( 1 1 ) 7 1 2 2 . 1 2 7 2	
	( 1 1 ) 8 5 7 4 . 8 3 1 9	

# Na trilha dos Perdidos

“Tem um povo indo para a Trilha dos Perdidos amanhã cedo, bora?” Era quase 1 da madrugada quando a Leila me fez o convite, via msn. Impedimentos para declinar dele eram vários: muito em cima da hora, cansaço acumulado e até algumas pendências para aquele sábado.

JORGE SOTO | SP

Entretanto, ciente que tal programa era hardcore, selvagem e imperdível na região de Paranapiacaba, tais entraves não bastaram para deixar de aceitar tentadora oferta. Afinal, íamos de uma descida de serra rumo Cubatão, alternando picada íngreme e vara-mato até o Rio da Onça, em meio à exuberante Mata Atlântica. Não bastasse isso, transpor os vários abismos, cânions, cachoeiras e poções do trajeto mediante rapéis sucessivos, até dar no Rio Mogi.

Enfim, mais uma variante adrenada dos vários caminhos tradicionalmente conhecidos que cortam nossa grandiosa Serra do Mar.

Saltamos em Rio Grande da Serra por volta das 07h48, eu, Carla, Walter, Cléber e Miguelito, após tranqüila viagem de trem. O tempo inicialmente nublado aos poucos ameaçava clarear, cheio de promessas. Na padoca Barcelona, tradicional ponto de encontro para quem vai trilhar Paranapiacaba tomamos nosso breve desjejum enquanto aguardávamos o resto do povo, composto pela Leila, Cláudio, Ricardo, Fernando, Gabriel, Dom e Samuel, figurinhas carimbadas do grupo Pé na Lama.

Uma vez reunidos, fomos para o ponto de ônibus, onde o folclórico “seu” Caneco proseava com a fila enorme de gente se dirigindo para a ilustre Vila Inglesa. Por conta disso, as 8:30 o coletivo zarpou entupido de passageiros bastante ecléticos, desde jovens farofeiros e barulhentos até discretos e sisudos orientais de idade.

Após sacolejante e breve viagem, desembarcamos no início da trilha do Lamaçal (da Ferradura ou Sete Cachoeiras). Retrocedendo uns 600m pelo asfalto adentramos num caminho à esquerda, onde após rápido alongamento e ajuste de equipo, demos início à pernada propriamente dita, às 9hrs.

Como é praxe, este trecho é feito chapinhando em meio a muito brejo e chafurdando o pé na lama, sob o zunido eletrostático de torres de alta tensão! Dobrando à esquerda na 1ª bifurcação que surge, encontramos um “maluco beleza” andando com uma improvável e enorme mala de rodinha (?) naquele local. Mais adiante cruzamos com uma barraca abandonada na trilha, provavelmente do tal “maluco”, onde a picada alterna chão plano e vala erodida.

Após transpor uma ponte de toras lisas sobre um riachinho, onde o Ricardo resolveu despencar para refrescar seu popô, a vegetação se adensa, onde acompanhamos um azeiro de manutenção das torres de alta tensão. Mas logo a trilha escorregadia pelo limo das pedras entra na mata em definitivo, descendo sem muito acrive ao lado de um riachinho que acompanhamos pela sua margem esquerda, mas que não tardamos em cruzar, com água até o tornozelo, as 10hrs.

Na seqüência, uma discreta picada brota pela esquerda, é a saída da trilha da Ferradura após o circuito pela cachoeira da Fumaça, mas nós a ignoramos continuando reto. Uma 2ª bifurcação significativa surge e tomamos à esquerda, descendo suave em meio a muito brejo e alta vegetação, onde até pairava um leve odor de acetileno no ar. Mas não tarda para a trilha acompanhar outra vez o riachinho, seja por uma margem ou pela outra.

O trajeto é repleto de obstáculos naturais, como deslizamentos e troncos caídos, que contornamos sem maior dificuldade, até dar numa clareira com vestígios de acampamento e restos de fogueira recentes.

Dali partem duas picadas e pegamos a da direita, seguindo naturalmente o sentido que vínhamos acompanhando. Mas logo esta opção revela-se equívocada porque a trilha logo é barrada por espessa vegetação e irritantes mutucas tamanho king size. O Cláudio constatou que o sentido não conferia com os dados plotados em seu GPS. Retornamos então até a clareira e tomamos o rumo certo, que era a trilha da esquerda. A picada então sobe com relativa declividade, acompanhando um córrego que marulha à nossa esquerda.

Alguma mata crescida no percurso nos obriga a usar facão, mas a picada é óbvia. Estamos no rumo certo, ainda bem.

Não tarda para a trilha nivelar e nos encontrarmos literalmente na beirada da serra, as 10h45, com algumas janelas na vegetação revelando tanto as fumegantes fábricas de Cubatão como as verdejantes encostas opostas se debruçando serra abaixo.

Percebe-se que este já foi um caminho bem usado

outrora, com jeitão de estradinha, porém com mata bem crescida. É é por ele que seguimos durante pouco tempo, bordejando a serra até a última e relevante bifurcação: continuando reto (direita) ele deve descer em definitivo rumo às fábricas de Cubatão; contudo, tomamos sua derivante mais discreta à esquerda, descendo forte sentido Vale do Rio da Onça, quase 800m abaixo. Este trecho é bastante demorado; além do grupo numeroso, o terreno tem uma declividade considerável (quase pirambal) além de bem escorregadio. Isso nos obrigou a descer vagarosa e cautelosamente nos agarrando na vegetação disponível e usando galhos como corrimão, evitando as urtigas e toda sorte de mata espinhenta, exemplares que havia às pencas! Mesmo assim, não evitou as altas risadas com os constantes tombos do povo (principalmente os da Leila, que carimbava seu popô a cada 5m), e com as reclamações dos irritantes mosquitos, que naquele trecho pareciam oriundos de alguma praga bíblica.

As 11h37 o terreno arrefece em declividade e parece nivelar, mas é apenas por pouco tempo, porque logo depois torna novamente a descer forte mantendo nosso avanço lento. Aqui o silêncio habitual da mata era apenas rompido pelo apito do trem na serra oposta, pelo marulhar de água despencando naigum vale próximo ou simplesmente pela tagarelagem do povo na dianteira, principalmente do Dom e da Carlinha. Mas por volta das 11h58 caímos numa crista com suave declive, com mato caindo de ambos os lados, mas logo depois vem uma sucessão de pirambas semiverticais, como de costume. Com a mata se adensando cada vez mais, o número de apoios servindo de degraus ou corrimãos aumenta, garantindo segurança maior na descida, que aparentemente ficou mais ágil, porém não necessariamente mais rápida.

Enquanto perdíamos altitude o tempo passou voando, e não tardou para a trilha simplesmente desaparecer por completo. Retornar? Sem chance.

A partir dali desceríamos aquela encosta de serra na raça, nos valendo apenas de bom senso, buscando sempre os trechos menos fechados ou íngremes. Até então eu estava no final, deixando o Fernando e Cláudio capitaneando o grupo, pois já conheciam o trajeto. Mas agora sem trilha a coisa ficava mais interessante e do jeito que eu gostava.

Fomos então descendo através de uma aparente vala de água até quebrar para a esquerda da encosta, que revelou-se um abismo enorme! Opa, não era por aqui. Retornamos pensamente 20m piramba acima e quebra-mos para a direita, onde o terreno era bem menos hostil. Àquela altura estávamos todos cansados e famintos, mas ainda assim continuamos descendo desimpedidamente por suave encosta indo de encontro ao som de uma água que vínhamos ouvindo há um tempo. E após uma breve piramba, as 13h30 caímos num benvindo riachinho, um pequeno afluente do Rio da Onça, onde tivemos um breve pit-stop para nos refrescarmos, fazer uma boquinha e também nos lavarmos, pois estávamos imundos. Bem, agora ao menos tínhamos uma “trilha” pronta, pois bastava acompanhar o rio.

Após o lanche demos continuidade à descida, agora desescalaminhando pedras em meio ao riachinho ou varando a mata de suas margens. Alguns trechos verticais demandaram uma cordada básica ou um simples contorno pela encosta, principalmente aqueles onde o rio terminava numa bela cachoeira ou num abismo intransponível. Foi aí que o Walter percebeu que perdera o relógio, o que nos atrasou quase meia hora. Mas mesmo com o Fernando, Carla e Miguelito retornando para ajudar a encontrá-lo, infelizmente o mimo entrou para a galeria dos “desaparecidos em ação”. Rest in peace.

A descida prosseguiu naquele ritmo inabalável, até que a alegria tomou conta de todos: o Rio da Onça estava logo abaixo, perfeitamente visível! Porém, para alcançá-lo seria necessário novo rapel, por que o riachinho que acompanhávamos terminava numa bela e grande cachoeira de dois níveis.

Para a nossa surpresa, à nossa esquerda havia outro riozinho do qual também despencava uma outra bela cachoeira, e dali tivemos que buscar um jeito de descer aquela íngreme encosta bem em meio às duas imponentes quedas d’água! O Fernando tomou a dianteira (cordadas é com ele mesmo) e foi ancorando bons locais para o povo descer. E lá fomos nós. Inicialmente desescalaminhamos a encosta pela beirada, para depois descer pela corda o 1º paredão até dar numa laje horizontal - besuntada de perigoso e escorre-

gado limo - que correspondia ao 1º nível das cachoeiras. E assim, um por um, fomos ganhando terreno para depois, cautelosamente, atravessarmos o rio para a sua margem esquerda, onde percebemos que um novo lance de cordada seria desnecessário, pois bastava descer a encosta através de um trecho bem menos hostil. Assim, pisamos no Rio da Onça as 15h45, finalmente!

Lá tivemos uma parada maior para descansar, nos refrescar nos inúmeros poços, hidros e mini-cachoeiras à disposição, assim como para fazer um lanche mais demorado, com direito até a miojão coletivo preparado pelo Dom, e que foi devorado pelo Samuel e Gabriel!

Retornamos a pernada quase meia hora depois, agora descendo o rio tranqüilamente - ora através das pedras pela margem, ora chapinhando na água mesmo - neste trecho bem manso e tranqüilo, quase plano até. Minúsculas pererecas saltavam à nossa presença, quicá perplexas diante aqueles estranhos invasores. O vale cavado pelo Rio da Onça é muito bonito, envolto por espigões verdejantes de serra intocada de ambos os lados, lembra e muito alguma paisagem jurássica perdida no tempo. Não sei por que, mas a palavra “privílegio” me veio à cabeça. Mas tudo o que é bom dura pouco.

**Noite!**

Um negrume tomou conta do céu e não demorou para despejar um aguaceiro sobre a gente. Nos refugiamos sob uma árvore, mas decidimos continuar assim mesmo, até porque a pancada de chuva fora apenas provisória.

Prosseguindo pelo rio, não tardou também a aparecerem obstáculos num trecho bem mais acidentado que o anterior, desta vez na forma de grandes cachoeiras, abismos e 2 enormes cânions, que literalmente emparedavam o rio, espremendo-o entre duas muralhas rochosas gigantes! Bastou contornar as cachoeiras e abismos subindo pela encosta de serra, em meio às pedras ao lado. Já os cânions não teve jeito: teríamos que entrar no rio! No 1º deles entramos com água até o peito, levando a mochila na cabeça, andando rente ao seu paredão esquerdo, por sinal mais raso, até alcançar novamente o trecho raso do rio, logo adiante. O 2º cânion tivemos que vencê-lo bordejando pedras de sua estreita margem pela muralha esquerda, para depois mergulhar num enorme poção. E uma vez na água, mediante cordadas sucessivas recebíamos as mochilas na cabeça, para dali prosseguir com água até o pescoço à margem rasa.

Foi quando descobrimos que a Carlinha não sabia nadar, o que empacou todo o processo, mas decidida e guerreira, além de amparada pela “machiada” sempre prestativa, superou seus temores e venceu aquele obstáculo! Lógico que arrancou gritos de excitação e triunfo de todo mundo!

A partir dali o rio pareceu ficar manso outra vez, sem maiores obstáculos ou dificuldades, e o caminhar foi tranqüilo durante um bom tempo. Mas o pior ainda estava por vir. A coisa tava boa até demais, mas não demorou para darmos noutro enorme cânion, que emparedava uma ruidosa cachoeira. E agora? Lembro que da vez anterior que estive aqui com o Ângelo, retrocedemos e subimos penosamente toda a encosta de serra, para cair do outro lado. Mas àquela altura do campeonato era fim de tarde e escureceria num piscar de olhos. Tinha que ser pelo rio mesmo! E rápido! Foi quando o Fernando e o Ricardo tomaram a dianteira, galgaram algumas rochas e ancoraram a corda acima da fenda da cachoeira, e enquanto o 1º descia com a dita cuja e avaliava a profundidade do poção abaixo, o 2º segurava a corda pros demais terem sua cota de canyoning improvisado do dia! Eu tava me borrando e divuídel se realmente conseguiria descer aquilo, até que chegou o momento em que não deu para adiar o inevitável. Era a minha vez. Fiz o sinal da cruz, respirei fundo e fui. Argarrei firme a corda, sentei na rocha escorregadia do topo da cachoeira e fui lentamente virando, sentindo a força da água ir me empurrando fenda abaixo. Quando virei por completo, meus pés buscavam desesperadamente algum apoio firme, pois logo a água gelada se derramou por cima de mim, não evitando que deixasse de engolir boas doses do precioso líquido. “Nossal Cadê o apoio?”, pensei. Mas quando meu pé encontrou um degrau rochoso respirei aliviado, para depois descer o resto numa calma que os olhos desmentem, até dar na beirada do poção abaixo, já com água até um pouco acima da cintura. Dali até a

margem rasa foi tranqüilo. E assim foi todo mundo, um por um, transpondo aquele trecho adrenado. E quem estava abaixo já ajudava a pegar as mochilas - que agora pareciam carregar chumbo por estarem molhadas! Trabalho em equipe é isso aí!

O momento tenso foi quando o Cléber prendeu a perna na fenda, mas felizmente conseguiu se soltar sem maiores problemas.

Uma vez na margem e tiritando de frio, prosseguimos ansiosos até o último obstáculo, próximo dali. O sol há muito havia descambado nos contralortes da serra e o vale lentamente era engolido pelas sombras. Precisávamos ser rápidos. Foi quando demos de cara com um enorme e fundo piscinão, de quase 20m de extensão, afunilado pelos altos paredões do cânion. Novamente o Fernando parte para cima - na verdade, para baixo - e mergulha com a corda, nadando vigorosamente até a margem rasa do poção. E é exatamente o mesmo processo que temos que fazer (com mochila), usando a corda como guia. E lá vamos nós, um por um. Comparado com o que já tínhamos feito até então, aquilo lá era até brincadeira. Mergulhei numa boa e nadei “cachorrinho” - vira-lata, na certa - o trecho sem dificultdades, até porque a mochila nas costas servia como bóia. Minha única preocupação era molhar o celular, mas o Dom gentilmente levou meus pertences dentro de uma mochila-estaque improvisada com um enorme saco plástico.

Transposto o poção foi só alegria. O cânion acidentado dava lugar à horizontalidade de um bucólico e manso vale, que bastou apenas seguir em frente. A noite estava nublada, sem lua ou estrelas. As únicas luzes eram as de nossas headlamps, que disputavam o breu noturno com cintilantes vaga-lumes. Estávamos cansados e não víamos a hora de alcançar o Rio Mogi, aonde chegamos somente as 21hrs.

A partir dali tínhamos a opção de seguir para Cubatão pelo próprio rio ou por uma trilha que eu conhecia, que o acompanha pela sua margem direita. Entretanto, cansado e sem luz natural, não consegui encontrar o comezinho da dita cuja, razão pela qual continuamos pelo Mogi apenas um pequeno trecho. Confiante que a trilha tava bem do nosso lado, resolvi varar mato perpendicularmente ao rio, de onde sai coberto de carrapichos. Bingo. A trilha tava lá, para alegria geral! O mato estava bem crescido, mas era bem mais rápido e ágil prosseguir por ela do que andar pelo rio. Eu até sugeri pernoitarmos ali, mas foi consenso geral irmos até o fim.

Não demorou até dar nos fundos de uma fábrica de containers (subsidiária da Cosipa), por onde prosseguimos por estradinha interminável até a portaria principal.

Por sorte, não tivemos problemas em dar satisfações aos seguranças, graças à lábia sempre diplomática do Walter. Andamos mais um pouco e, finalmente, as 23h00, estacionamos num barzinho que serve também de ponto de ônibus, onde bebemoramos a perregosa empreitada! Final de trilha, mas não de trip, tomamos um ônibus para Cubatão e dali para Santos, avisados que na rodoviária desta primeira já não havia ônibus para SP naquele horário. Era 01h00 quando chegamos em Santos, apenas para constatar que lá também não havia ônibus. Resultado: nos acotovelamos nos incômodos bancos e passamos a noite até as 04h30 feito mendigos, quando pegamos o 1º ônibus rumo a terra da gara.

Saltamos no trem. Jabaquara quase hora depois, embalados no mundo dos sonhos, feitos só o pó. E após as devidas despedidas cheguei no acconcho do lar às 07h00 do domingo, para descansar feito pedra o resto do dia. A adrenalina e o corpo quente há muito haviam dado lugar ao cansaço geral, e muitas dores musculares davam sinais de que perdurariam pelo resto da semana.

Reconheço, estava quebrado, moído, ralado, imundo e faminto. No entanto, estava contente, assim como os demais. Contentes a ponto de esboçar um sorriso que nada mais é aquele riso despreocupado de gente que ama a aventura. Para nossa sorte, nem todo mundo é atraído a enfrentar trilhas espinhentas, varar mato e descer rios pendurados em cordas. Eis o motivo pelo qual Paranapiacaba ainda guarda locais totalmente selvagens, remotos e de difícil acesso, garantindo assim sua preservação. E a Trilha dos Perdidos certamente é mais um desses programas para os poucos felizardos, onde a adrenalina e beleza ímpares só garantia certa. Uma recompensa mais que merecida.

# Andradas

## As pedras do Elefante e do Gavião

ALBERTO ORTENBLAD | SP

O Elefante é uma das mais lindas pedras da Mantiqueira, em Andradadas, no sul mineiro. Ela possui uma forma que imita um elefante docemente reclinado, sua cabeça rochosa emergindo acima da vegetação de encosta. Já o Gavião é o ponto culminante da região. Local de voo livre, tem um cume amplo e gramado, com uma visão espetacular dos campos agrícolas à volta.

### A Localização

O Elefante e o Gavião ficam em Andradadas, cidade mineira entre Campinas e Poços de Caldas, servida de boas rodovias asfaltadas. Embora distante do Rio e de Belo Horizonte, está a pouco mais de 200 km de São Paulo. Andradadas tem uma história recente, pois só foi fundada nos fins do século XVIII por dois fazendeiros vindos de Baependi. Houve um crescimento no século seguinte, com o plantio de videiras por emigrantes italianos, que até hoje abastecem as muitas vinícolas locais. É interessante como a agricultura é diversificada, com produção de café catuaí e banana nanica, além de rosas e leite. Se o vinho local é, digamos, regular, o café é muito bom, procure levá-lo consigo. Andradadas tem também uma indústria variada, com louças, cerâmicas, móveis e confecções. É uma cidade até certo ponto diferente, pois com seus prédios altos e praças em sucessão parece bem maior do que os seus 40 mil habitantes. Apenas um lembrete: ao visitar Andradadas, deixe sua namorada em casa, e por duas razões. A cidade é repleta de louraças, descendentes de italianos, que certamente causarão ciúmes a ela. E as confecções femininas são uma tentação

que poderá fazer um estrago nas suas finanças. Fiquei numa pousada onde, ao acordar, encontrei um casal de certa idade, com aspecto decidido e mochilas carregadas. Eles estavam com pressa e não pareciam andarilhos da natureza. Perguntei aonde iam e disseram-me que estavam percorrendo mais um trecho do Caminho da Fé. Foi então que aprendi que esta rota de peregrinação é muito longa, vai até Aparecida e atravessa todo o município. E não é a única, pois existe outra menor em Andradadas, chamada de Rota das Capelas.

### A Pedra do Elefante

A Pedra do Elefante faz parte da Serra do Pau d'Alho, que inclui ainda as pedras do Boi e do Pantano. Ela fica a sudeste da cidade, no vale do Ribeirão do Diamante. A sucessão de pedras, emergindo com espanto no alto das encostas e correndo paralelas ao vale verdejante, é de uma rara beleza. A Pedra do Elefante já foi chamada do Diamante, por causa de uma lenda. Ela conta que dois estrangeiros visitaram a região e notaram um estranho brilho na sua parede. Tendo sabido que se tratava de um diamante incrustado na pedra, subiram nela à noite, retiraram a gema e saíram da região. Pouco depois, foi noticiado que a Coroa Inglesa havia adquirido um enorme diamante na África do Sul. Dizem ter sido a mesma pedra levada do Brasil. Mas, se você observar de cima a parede quando estiver lá, notará que existem algumas manchas esbranquiçadas. Disseram-me que eram minerais de magnésio. É possível que, iluminadas pelo sol da tarde, possam apresentar de fato algum brilho ilusório.

### O Acesso ao Elefante

Chegar no Elefante é bem simples: tome o asfalto do trevo de Ibitiura de Minas, que sai da rodovia de acesso à cidade, e rode por cerca de 8,5 km, com belas vistas da pedra. O formato do elefante é bem visível, com sua tromba cadente à esquerda e seu dorso abaulado à direita. Tome a direita, numa boa estrada de terra e novamente a direita em seguida. Vire de novo à direita cerca de 5 km após o início da estradinha de terra. Você estará indo para o bairro dos Lobos. Se seguisse em frente, iria para o bairro do Pantano (é assim mesmo, sem o acento). No caminho, encontraria duas pedras, do Boi e do Pantano. Essas são paredes em rocha gnáissica muito escaladas, existindo cerca de 12 vias na primeira e talvez 40 na segunda. O próprio Elefante é bem procurado, com 15 vias de escalada. Bem, voltemos à estrada onde você acabou de entrar à direita. Tome a seguir a esquerda, atravesse uma pontezinha e suba à direita, estacionando ao lado de algumas casas, pertencentes à Família Zanata. Ao todo, você terá percorrido 14 km desde o trevo no asfalto. Na realidade, como a trilha prossegue pela estrada, você poderia ter parado quase 1 km depois.

### A Trilha do Elefante

A trilha é muito bonita, com cinco trechos distintos que lhe conferem bastante variedade. Começa pela estradinha, que atravessa os cafezais, e continua nos pastos acima destes, povoados por gado de leite e algumas belas árvores. Em seguida, ao fim da estrada, você continuará subindo pelo pasto numa trilha apenas esboçada, até se aproximar da mata ao pé da pedra. Você já terá ganho uma certa altura, com vistas distantes dos campos ao norte. Entre a mata e a pedra, existe uma trilha bastante íngreme, correndo ao longo de um leito de pedras, que percorre a mata até sair num vale elevado. Este trecho sombreado pode ser um bom alívio num dia quente. O vale é muito bonito, quando estiver mais alto notará que, do lado oposto, existe uma casa de fazenda e, portanto, uma estradinha. Neste vale, continue até antes da segunda chave e suba o pasto íngreme, até finalmente chegar na cabeça rochosa do elefante. Observe que você estará subindo pelas costas do Elefante, ou seja, pelo lado sul, oposto àquele de onde você partiu. Os pastos permitem vistas dos cafezais, plantados em fileiras

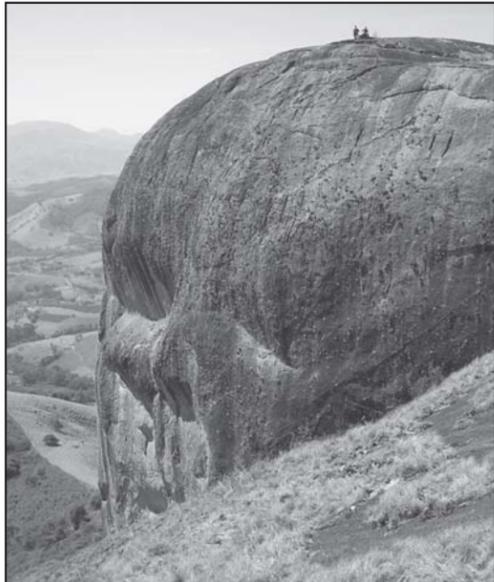
organizadas. No último deles, você encontrará uma impressionante árvore retilínea com uma copa alta — é um dos pau d'alhos remanescentes, que deram nome à serra. Além, você verá a bela parede da Pedra do Marcondes. Ao se aproximar da pedra abaulada à sua frente, acredito que você terá subido cerca de 400 metros, ao longo de 4 km. Era um dia quente que nos levou a muitas paradas, mas acredito que o percurso não tome mais do que 1 ½ horas. Em dois ou três pontos você encontrará água — prefira a primeira, por ser a mais limpa.

### O Outro Acesso

Mas existe um segundo acesso ao Elefante, que chega a seu lado oposto. Partindo do mesmo trevo no asfalto para Ibitiura, saia à direita 3 km depois, no sentido do Campestrinho. Você rodará por 16 km, tomando a seguir a esquerda, no rumo do bairro do Macuco. Pouco depois, deverá descer à esquerda numa venda e novamente à direita, até chegar num mata-burro, após o qual deve deixar seu carro. Ao todo, terá percorrido 21 km. Você acabou de chegar no belo vale elevado já descrito, logo antes da última subida. Ou seja, apenas uma íngreme rampa separa você do cume. Você deverá percorrê-la em menos de ½ hora. Ao subir esta rampa, você terá uma vista esplêndida, com os íngremes campos percorridos, as paredes do Marcondes, as cabeças de gado logo abaixo e os campos distantes mais além. Esta é uma alternativa para uma volta mais rápida, caso haja um segundo carro ou aquele que o deixou possa dar a volta na montanha.

### A Vista do Elefante

O Elefante fica a 1.350m aproximados e sua vista é muito sugestiva. Você verá as vilas de Andradadas e Ibitiura e a Serra do Caracol ao norte, a Pedra do Marcondes ao sul e o corpo do Elefante a leste. Mas talvez a vista mais interessante seja a da cabeça do elefante vista do seu corpo, repare que na lateral da pedra existe o desenho de uma caveira perfeitamente esboçada. Mas, para mim, o mais emocionante foi enxergar a oeste uma pequena parte do cume da Pedra Branca, por trás de outras serras mais próximas. Imagine que foi meu primeiro artigo sobre as Belas Pedras, tantos anos atrás. As águas desta região correm para o Rio Jaguarí Mirim, afluente do Mogi Guaçu. Jaguarí-Mirim sig-



↑ Topo do Elefante.  
▼ Cume do Gavião.

nifica rio da onça, ou seja, onde a onça bebe água — portanto, acatele-se! Um de seus afluentes é o Ribeirão do Pirapetinga, onde há uma sucessão de pequenas cachoeiras. Algumas delas começam a partir do restaurante Aldeia Velha, que fica num local muito simpático. Existe na cidade um grupo ecológico chamado World Adventure, que identificou mais de cem cachoeiras e uma dezena de trilhas. Portanto, seu fim de semana em Andradadas não terá falta de bons programas.

### A Serra do Caracol

Vindo de baixo por São Paulo ou de cima por Poços, ao chegar em Andradadas você será recebido pela impactante parede da Serra do Caracol, abraçando a cidade. É lá que fica o cume discreto do Pico do Gavião. A cidade conta também com a Serra do Pau d'Alho, que fica ao sul e que abriga a Pedra do Elefante. O Pico do Gavião é um conhecido local de voo livre, usado em campeonatos de asa delta ou parapente. Existem três pousos, um ao norte, outro ao sul e um terceiro na própria cidade. Podem ser vãos longos, de talvez 200 km, que alcançam até Mogi ou Americana. Se você visitar a maquete da cidade, que está no CAT numa de suas praças, notará que Gavião, Andradadas e Elefante estão praticamente numa mesma reta, que corre de noroeste a sudeste. Aliás, o relevo eleva-se a norte, no sentido de Poços de Caldas — é por isso que o Caracol é bem mais alto que o Pau d'Alho.

### O Acesso ao Gavião

O acesso ao Gavião parte do asfalto que vai no rumo do bairro do Óleo, que você deixará à direita 2,5 km após. Ao longo da boa estradinha de terra, você já estará vendo o corpo escuro e verdejante da serra. Tome em seguida a direita e, nos km 3,5 e 4,5, sucessivamente duas esquerdas. Neste local fica o campo de pouso sul, numa extensa área plana, que você deixará à esquerda um pouco antes do km 8. Você terá chegado numas casinhas da Fazenda Boa Esperança, onde deixará seu carro e começará a caminhar por uma estrada no rumo da serra. Esta estrada encontra um pasto logo após um mata-burro. Repare que existe uma garganta na serra logo à sua direita. O Gavião é o pico levemente abau-

lado nesta direção. A rigor, a serra que corre à esquerda não se chama mais Caracol e sim Gavião, de forma que o pico que você ira visitar é o último acidente do Caracol, e não o primeiro do Gavião — curiosidades de nossa geografia.

### A Trilha do Gavião

O percurso do Gavião é chamado de Trilha da Raiz e deve ter de 6 a 7 km, ao longo de três trechos: a mata de encosta, os campos altos (infelizmente bem curtos) e a estrada do Pico, esta com apenas seu 1 km final. Ou seja, grande parte da sua ascensão de uns 600 metros será feita à sombra da mata. Apesar disto, o trajeto exigiu mais de 2 horas.

Tome logo a sua direita e comece a subir pelo pasto, entrando numa trilha pouco nítida na mata, com o córrego sempre à sua direita. Antigamente, havia uma trilha larga à sua esquerda, que foi interrompida no seu trecho baixo e que você só encontrará mais adiante. Repare que, por enquanto, você não está subindo pela garganta e sim à esquerda dela. A partir do ponto onde encontrar o caminho largo, sua subida será nítida, com vistas cada vez mais amplas dos belos campos de agricultura a sul, no vale do Rio Cocais. É uma bela mata, embora um tanto seca, com algumas araucárias altas. Ela sai num campo de pastagem, onde você caminhará no sentido de uma construção, que provavelmente já será uma pousada quando você passar por lá. A vista às suas costas é novamente muito sugestiva.

A construção está à beira da estrada de acesso ao pico. Logo em seguida, você encontrará a guarita do pico, pois o local de voo logo acima é privado. Agora, sua única alternativa será seguir mesmo pela estrada, torcendo para que os veículos dos voadores não sejam nem muitos, nem muito rápidos. A metade final é íngreme e asfaltada.

### O Cume do Gavião

O cume do Gavião foi para mim uma experiência diferente. Existe uma boa estrutura de voo, com rampas em todas as direções, muitos banquinhos e uma lanchonete espalhados ao longo de uma ampla corcova recoberta de grama. Não deixa de ser interessante, mas as construções e as pessoas rompem com aquela expectativa de espaço e solidão com que me acostumei a ser recebido nos topos das montanhas.

Devido à sua altitude de 1.663m, a vista do Gavião é espetacular. Em especial, o enorme mosaico dos campos agrícolas a sul, com o brilho das cidades de Andradadas, Santo Antonio do Jardim e Espírito Santo do Pinhal - e, dizem, Mogi Guaçu nos dias límpidos. A oeste, você descobrirá São João da Boa Vista e, quem sabe, Águas da Prata, que fica no rumo da Serra da Paulista, com suas muitas antenas. As águas da Represa do Cipó são visíveis a norte, junto quem sabe com algum brilho de Poços de Caldas. Mais a leste e bem ao longe, você poderá entrever o corpo da Pedra Branca.

### A Volta do Gavião

Você pode voltar por um outro caminho, mais curto e íngreme, chamado Trilha das Nuvens. Não o fiz, mas seu início é simples: imediatamente no início do asfalto que desce do pico, saindo na cerca viva e descendo a encosta gramada, até encontrar um caminho nítido dentro da mata que leva a uma fazenda no vale lá embaixo. Ao invés, segui de carro pela estrada de acesso, pois me disseram que era muito bonita. De fato, tem belas vistas da face norte da Serra do Caracol, à qual corre paralela. Deste lado, a visão da serra foi totalmente diferente, pois a estrada era muito mais elevada e, como o inverno estava no auge, as encostas estavam recobertas de gramíneas na cor palha - e não de mata baixa, escura e densa, como do lado inverso. A serra corre docemente numa sucessão de corcovas, que realmente lembram caracóis. Soube que os membros da World Adventure tinham o projeto de percorrê-la pela crista, procure conhece-los quando passar por Andradadas.

No meio do nada é que ficam os lugares especiais.



R.: Apeninos, 803 - Próx. metrô Paraíso 11 3171 2923 -



loja virtual: www.penatrilha.com.br

## Cursos de Escalada

Básico e avançado de escalada móvel, conquista big wall e reciclagens

## Guias de Montanha

Brasil: Pedra do Bau e região, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Sul e Nordeste  
Exterior: EUR, África, México e Espanha

**MONTANHISMUS**  
Escola de Escalada em Rocha  
WWW.MONTANHISMUS.COM.BR  
SANTO ANTONIO DO JARDIM - SP  
FONE (11) 3971.1470

USAMOS O MELHOR SNAKE SOLO deuter BOSCH

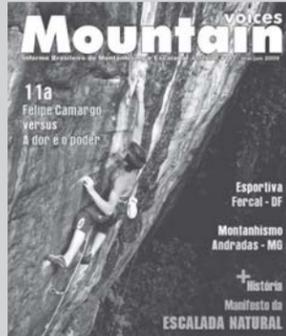
acesse também: [www.eliseurechou.com.br](http://www.eliseurechou.com.br)



# Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

**Mountain Voices** é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

**Editores:** Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.  
**Contatos:** Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Felipe Camargo na A dor é o poder, 11a - Sete Lagoas, MG.  
Foto: Gustavo Baxter.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/09/2009.

Nome.....  
 Endereço.....  
 Cidade..... Estado.....  
 CEP..... Telefone.(.....)  
 E-mail.....  
 Idade ..... Profissão.....  
 Como conheceu Mountain Voices?.....  
 Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
 ( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder  
 ( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00  
 ( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00  
 ( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00  
 ( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar  
 ( ) Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00  
 ( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00  
 ( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00  
 ( ) Manual de Escaladas da Seera do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00  
 ( ) DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00  
 ( ) DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00  
 ( ) DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00  
 ( ) DVD The Movie 1 - Itatiaia - R\$ 25,00  
 ( ) DVD Karma - R\$ 25,00  
 Total .....00

107

# Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site [www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2  
Baú e Região



LOBOTOMIA 3  
De PE ao RS



THE MOVIE #1  
Itatiaia + Chapada Diamantina

## Manuais de Escalada e Montanhismo



**Pedra do Baú  
Itatiaia  
Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso

**OS PERRENGUES DE PAULO**  
ACAMPANDO NA SERRA

CUIDADO COM ESSA LANTERNA PAULO, CUIDADO!!

EU TE AVISEI, AGORA VAMOS TER QUE ENCOMENDAR FOGAREIRO, BARRACA, LANTERNA, TUDO DE NOVO! FALA AÍ O NÚMERO DO SEU CARTÃO!

**WWW.EQUINOX.COM.BR**  
 COMPRE ONLINE - TUDO PARA A SUA AVENTURA

Equipamentos para escalada  
Desenvolvidos por escaladores

**On Sight**  
On Sight Indoor: 25 litros  
On Sight: 52 litros. Capa para corda incluída no modelo On Sight para evitar contato com terra e areia. Parte das vendas deste modelo será destinada à Seleção Brasileira Juvenil de Escalada.

**On Sight Indoor**

**Fitas Expressas 15/30cm**  
**Fitas de Anel 60/80/120/150cm**

à venda nas melhores lojas do Brasil

[www.conquistamontanhismo.com.br](http://www.conquistamontanhismo.com.br)

VIAGENS E MONTANHAS

[territorioonline.com.br](http://territorioonline.com.br)

compre e aventure-se sem moderação

[www.territorioonline.com.br](http://www.territorioonline.com.br)

10 ANOS